

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL
MESTRADO EM PSICOLOGIA INSTITUCIONAL**

JÚLIA FLÁVIA GOMES PEREIRA

**PROCESSOS FORMATIVOS PARADOXAIS:
A infância que equivoca e convida**

**VITÓRIA
2019**

JÚLIA FLÁVIA GOMES PEREIRA

PROCESSOS FORMATIVOS PARADOXAIS:

A infância que equivoca e convida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, da Universidade Federal do Espírito Santo, do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Gilead Marchezi Tavares

VITÓRIA

2019

JÚLIA FLÁVIA GOMES PEREIRA

PROCESSOS FORMATIVOS PARADOXAIS:

A infância que equivoca e convida

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional, da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Institucional.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Gilead Marchezi Tavares
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dr.^a Ana Paula Figueiredo Louzada
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Barros de Barros
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. Dr. Kléber Jean Matos Lopes
Universidade Federal de Sergipe

**A todas as crianças, sendo pequenas ou não, que
passaram com seus caminhos e possibilitaram a
abertura do meu.**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela vida, por permitir ter encontros tão potentes durante essa trajetória, principalmente com as crianças, que Ele mesmo fez questão de manter por perto. Por ter me dado alegria e sustento para viver todas as transformações dessa jornada. Por nunca ter me desamparado, por ter sido luz e acalento nas noites mais escuras e sofridas que vivi até aqui.

Agradeço aos meus pais, Adilson e Esméria, pelo amor e pelo apoio que me deram em tudo o que escolhi para viver. Por serem sempre presentes, zelosos e por me permitirem alçar voos, mesmo aqueles nos quais eles não puderam acompanhar de perto. Voo sabendo que tenho lugar seguro para pousar. Obrigada por tudo o que fizeram por mim!

Agradeço ao meu marido, Gabriel, que foi mais do que compreensivo nesse processo, foi meu cúmplice e amigo. Permitiu e respeitou minha imersão solitária, mas estava a postos quando eu precisava recuperar o fôlego, afirmando mais uma vez que a vida não acontece sem alianças. Obrigada meu amor.

Agradeço à minha querida amiga e parceira, Abigail, que viveu toda essa loucura comigo, me orientou e me desorientou diversas vezes. Sem você, minha amiga, tenho plena convicção de que esse mestrado não teria acontecido! Eu apostei porque você apostou! Essa trajetória não pode ser contada sem você. Obrigada minha amiga, te amo!

Agradeço à minha Orientadora. Gilead, que alegria poder ter a oportunidade de me encontrar com você, foi uma honra. Você foi fundamental em todo esse meu processo de transformação. Que as pessoas tenham a oportunidade de encontrar uma professora e uma pessoa como você. Você me tirou do rumo diversas vezes, me ajudou com uma agressividade encantadora a me deslocar e poder enxergar mais, muito mais. Obrigada ter sido compreensiva e por ter me deixado livre nesse processo de aprender e criar!

Agradeço à Alice, por inventar! Às Coelhas do RAIJ, pela companhia! E ao Gato, por me deslocar! Agradeço a todas as crianças que conheci, por serem tão

incríveis! A todas as trabalhadoras da Assistência Social, pela acolhida e por não cessarem de lutar por direitos e pela garantia de dignidade de vida a todos e a todas, por nunca desistirem, mesmo diante dos imensos desafios diários.

Agradeço aos meus sogros, Marcelo e Rosimare, que com amor, me incentivaram a concluir esse trabalho. E aos meus cunhados, Pedro e Davi, por todo o amor e por me permitirem ser a irmã que vocês não tiveram, mas que agora têm.

Agradeço à Ju e ao Gu, meus amigos, que são minha família, por me inspirarem a viver essa vida com garra e leveza. Por sempre me ouvirem na hora da angústia, por me acarinharem na saudade, por saberem o valor de um amigo. Obrigada.

Agradeço à minha querida Thalyta, pela amizade que construímos, por me emprestar sua família, por abrir o coração e fazer morada no meu.

Agradeço aos meus queridos amigos, Marlon e Willian, pelo carinho e cuidado, por todas as vezes que viramos a noite juntos, jogando, tomando açaí e conversando. Como sinto saudades!

Agradeço à ABUB e à Comunidade Anglicana Âncora, pela vida partilhada e as amizades construídas, por terem deixado marcas tão vivas em mim. Vocês me inspiram demais!

Agradeço à Mayara, por tudo o que já vivemos.

À minha irmã, Fernanda, por tudo o que ainda podemos viver.

Agradeço às ótimas amigas que tenho feito na Paraíba. Obrigada pelos “arengues”, pelas “paetagens”, pelas “chaleiradas”, pelos “moídos”, pelos “pantins”! Por me mostrarem o que o nordeste tem de lindo. Obrigada por me receber com tanto carinho na terra de vocês.

Agradeço às mulheres do grupo de orientação da Professora Ana Paula. Obrigada pela acolhida e por deixarem que eu fizesse parte desse processo de mestrado, ainda que pouco tempo, junto com vocês.

Agradeço a Ana Paula Louzada, Beth Barros e Kléber Matos por aceitarem compor essa banca de mestrado. Em especial, Beth, por ter dado as aulas de “*Lógica do sentido*”, que foram fundamentais para a escrita desta dissertação, obrigada por essas aulas maravilhosas, Beth!

À CAPES, por financiar parte da pesquisa.

Existem momentos na vida onde a questão de saber se se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. [...] Existe sempre algo de irrisório no discurso filosófico quando ele quer, do exterior, fazer a lei para os outros, dizer-lhes onde está a sua verdade e de que maneira encontrá-la, ou quando pretende demonstrar-se por positividade ingênua; mas é seu direito explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através do exercício de um saber que lhe é estranho. (FOUCAULT, 2014, p. 13-14).

RESUMO

Este trabalho acontece a partir das experimentações de vários campos de pesquisa dentro dos serviços socioassistenciais da Grande Vitória (ES), do contato com a infância e suas afetações no que tange a um processo de formação de uma psicóloga. Disserta sobre experiências, que deixando as profundezas, ganham cada vez mais a superfície e permitem que os paradoxos apareçam e produzam sentidos, sempre duplos, nunca únicos. A análise das experiências encontra passagem em sua multiplicidade com o auxílio de Alice, personagem de Lewis Carroll, e dos diários de campo escritos ao longo dessa trajetória. A infância que forja, que constrói, que destrói, que equivoca e convoca ao pensamento.

Palavras-Chave: Infância, Processos de formação, Psicologia

ABSTRACT

This work is based on the experimentation of several research fields within the social assistance services of Grande Vitória (ES), the contact with childhood and its affectations regarding a process of formation of a psychologist. He speaks of experiences that, leaving the depths, increasingly gain the surface and allow paradoxes to appear and produce meanings, always double, and never unique. The analysis of the experiences finds passage in its multiplicity with the aid of Alice, personage of Lewis Carroll and of the logbooks written throughout this trajectory. The childhood that forges, that builds, that destroys, that mistakes and summons to thought.

Keywords: Childhood, Formation process, Psychology.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AI	Acolhimento Institucional
AS	Assistência Social
CRAS	Centro de Referência da Assistência Social
ES	Estado do Espírito Santo
LOAS	Lei Orgânica da Assistência Social
PN	Porto Novo
PNAS	Política Nacional da Assistência Social
RAIJ	Rede de Atenção à Infância e Juventude
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
OSCIP	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público

Sumário

<i>Nota rápida às leitoras e aos leitores</i>	<i>12</i>
<i>Capítulo 1 - Alice/Infância</i>	<i>16</i>
<i>Capítulo 2 - Política de Assistência Social e suas implicações</i>	<i>22</i>
<i>Capítulo 3 - Eu estava tranquila...</i>	<i>29</i>
<i>Capítulo 4 - Primeiros diários</i>	<i>43</i>
<i>4.1 - Caindo</i>	<i>43</i>
<i>4.2 - Multiplicidade</i>	<i>51</i>
<i>4.3 - Tartaruga Falsa</i>	<i>57</i>
<i>4.4 - Fazem-me louca</i>	<i>61</i>
<i>Capítulo 5 - Acontecimento</i>	<i>68</i>
<i>5.1 - Acontecimento: 1º entardecer</i>	<i>68</i>
<i>5.2 Acontecimento: 2º entardecer</i>	<i>69</i>
<i>Capítulo 6 - Outros Diários</i>	<i>76</i>
<i>6.1 Encontrar e Florescer em terra estranha</i>	<i>77</i>
<i>6.2 - A Rosa</i>	<i>81</i>

<i>6.3 - Um susto, é possível florescer em solo duro.</i>	<i>83</i>
<i>6.4 A Rainha tenta dar o lance final</i>	<i>87</i>
<i>6.5 - Ver Alice</i>	<i>95</i>
<i>Processo de formação</i>	<i>97</i>
<i>Despedida</i>	<i>98</i>
<i>Referências</i>	<i>100</i>

Nota rápida às leitoras e aos leitores

É bastante interessante esse tipo de vida... Realmente me pergunto o que pode ter acontecido comigo! Quando lia contos de fadas, eu imaginava que aquelas coisas nunca aconteciam, e agora cá estou no meio de uma! Deveria haver um livro escrito sobre mim, ah isso deveria! E quando eu for grande, vou escrever um...

Alice¹

Esta dissertação fala de uma composição, de um processo, de uma formação, através de múltiplos sentidos que a infância me permitiu perceber. Fala dos caminhos que percorri e principalmente dos que eu inventei. Fala dos deslocamentos que fiz na lógica de pensar e enxergar o mundo, da chegada à academia e das pistas que tenho seguido para conceber pesquisa, ciência e psicologia.

É uma conversa², um modo de resgate, uma memória, que fala dos lugares por onde passei, das pessoas que conheci, da minha constituição como psicóloga. Uma conversa que fala do transbordar de algumas dessas vivências.

Para situá-los e possibilitar de fato uma conversa, preciso dizer dos campos que me abrem os questionamentos desta dissertação. Em 2013 e 2014 participei das atividades em dois Acolhimentos Institucionais (AI), todos em Vitória (ES). Eram AI que atendiam diferentes demandas. Um acolhimento era direcionado a meninas³ de 0 a 12 anos e outro era um espaço de curta permanência, no qual as crianças eram levadas assim que eram retiradas da tutela das famílias. Após avaliação de cada caso, eram direcionadas ou para retornarem a família (o que era o menos comum de acontecer) ou para outro acolhimento (de longa permanência) ou para família

¹ Citação de "Aventuras de Alice no País das Maravilhas", em Alice: Edição comemorativa (CARROLL, 2015b, p. 46).

² "Encontrar é achar, é capturar, é roubar, mas não há método para achar, nada além de uma longa preparação. Roubar é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. A captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo, e é isso que faz, não algo de mútuo, mas um bloco assimétrico, uma evolução a-paralela, núpcias, sempre "fora" e "entre". Seria isso, pois, uma conversa." (DELEUZE; PARNÉT, 1998).

³ Também havia meninos, pois seguindo o artigo 92 do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) irmãos não devem ser separados em caso de abrigamento.

extensa (parentes próximos a quem era concedida a guarda da criança). O que era muito comum de acontecer, nesse segundo AI, era as crianças ultrapassarem o tempo de curta permanência e mesmo assim continuarem nesse mesmo espaço. O segundo AI mudou de espaço físico enquanto ainda estávamos acompanhando as atividades, por isso foram três espaços, mas duas frentes de trabalho acompanhadas.

Ainda em 2014, promovemos três encontros com profissionais que trabalhavam e trabalharam em serviços socioassistenciais da Grande Vitória (ES). No primeiro encontro buscamos trazer pontos que pudessem ser disparadores para a discussão sobre o trabalho na assistência social, para que assim pudéssemos trazer à tona os desafios enfrentados nesse campo. Os outros dois foram desdobramentos das conversas que foram acontecendo.

Em 2015, acompanhei um processo de reintegração familiar (RF), também em Vitória (ES), na qual três meninas estavam sendo cuidadas por sua família extensa. Este envolveu vários serviços, não só os socioassistenciais mas também os serviços de saúde e do judiciário.

Do segundo semestre de 2015 até o fim de 2016, participei das atividades do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social) no município de Cariacica (ES), espaço no qual me vi imersa em diferentes frentes de trabalho, com mulheres, idosos, mas principalmente com crianças e adolescentes, no Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo (SCFV).

Abaixo, uma tabela que permite uma melhor visualização dos espaços que passei ao longo da graduação em psicologia, lugares, pessoas, políticas nas quais foram possíveis agenciamentos⁴.

Quadro - Espaços⁵ percorridos

⁴ É sempre um agenciamento que produz os enunciados. Os enunciados não têm por causa um sujeito que agiria como sujeito da enunciação, principalmente porque eles não se referem aos sujeitos como sujeitos do enunciado. O enunciado é o produto de um agenciamento, sempre coletivo, que põe em jogo, em nós e fora de nós, as populações, as multiplicidades, os territórios, os devires, os afetos, os acontecimentos (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 65).

⁵ Outubro a dezembro de 2013 - Acolhimento Institucional IV (Casa Rosa) – Vitória, ES – Campo para a pesquisa de IC I, frequência 2x por semana.

Março a Junho de 2014– Acolhimento Institucional I (Casa de acolhida) – Vitória, ES – Campo para a pesquisa de IC I, frequência 1x na semana.

Mai a julho de 2014 – Acolhimento Institucional (Casa Rosa) – Vitória, ES – Campo para Estágio Básico I, frequência 1x na semana.

Mês / Ano	2013	2014	2015	2016
Janeiro				
Fevereiro				Acompanhamento RF
Março		AI- I (Casa de acolhida)		CRAS Cariacica e Acompanhamento RF
Abril		AI- I (Casa de acolhida)		CRAS Cariacica e Acompanhamento RF
Maiο		AI- I (Casa de acolhida) e AI-IV (Casa Rosa)		CRAS Cariacica e Acompanhamento RF
Junho		AI- I (Casa de acolhida); AI-IV (Casa Rosa)		CRAS Cariacica e Acompanhamento RF
Julho		AI-IV (Casa Rosa) e Encontro I		CRAS Cariacica
Agosto				CRAS Cariacica
Setembro				CRAS Cariacica
Outubro	AI-IV (Casa Rosa)	Encontro II	CRAS Cariacica	CRAS Cariacica

Junho, outubro e dezembro de 2014 (Encontro com os profissionais da AS, 3 encontros pontuais). – Vitória, ES – Campo para pesquisa de IC II.

Outubro de 2015 a dezembro de 2016 – CRAS Cariacica, ES – Campo para Estágio Obrigatório, frequência 2x na semana.

Novembro de 2015 a junho de 2016 – Acompanhamento do Reintegração familiar (aceitação da pesquisa e encontro para acompanhar o caso – encontros pontuais: SEMAS, Acolhimento Institucional, Casa da família acompanhada e Unidade Básica de Saúde). – Vitória, ES – Campo para a pesquisa de IC III.

Novembro	AI-IV (Casa Rosa)		CRAS Cariacica e Acompanhamento RF	CRAS PN
Dezembro	AI-IV (Casa Rosa)	Encontro III	CRAS PN e Acompanhamento RF	CRAS PN

Fonte: Elaborada pela autora

Tais campos não estão apenas situados em localidades geográficas (embora também estejam e seja muito importante dizer delas), pois os lugares por onde andei falam de geografias e também de outras temporalidades: “geotemporais”. Vamos conversar melhor sobre isso ao longo do texto. O que quero dizer por ora é que, em outros momentos em que não estive nessas localidades (como agora), ainda assim me foi possível um agenciamento geotemporal e mesmo quando estive geograficamente nessas localidades, aquela geografia foi possibilidade de abertura à experiência com outros encontros que passavam por ela e além dela. Os convido a compreender isso junto comigo, neste texto.

Também é importante dizer dos auxílios de Alice, personagem da obra de Lewis Carroll, que tem me convocado durante o mestrado, e me ajudado a olhar, com um olhar atento, para essas experiências (ou agenciamentos geotemporais).

Capítulo 1 - Alice/Infância

Permitam-me continuar essa conversa apontando para algumas pesquisas que fiz buscando me aproximar da obra de Lewis Carroll, autor que escreveu “Alice no País das Maravilhas” e “Através do Espelho”. Esse autor cria um novo universo. Costuma ser chamado de mundo onírico e conto-sonho. A partir desse novo mundo, vai mostrando como elementos não racionais – por vezes ignorados – fazem emergir novos sentidos. Carroll, com suas obras, se torna o maior divulgador da literatura *nonsense* (MONZANI, 2011).

Para a literatura, o *nonsense* se aproxima de um conto de fadas só que de maneira inversa. O modo de operar desse mundo criado por vezes não é compreensível, as regras que o dirigem não são regras hegemonicamente estabelecidas. O autor cria essas regras e não há explicações acerca desse funcionamento dado a priori, o autor não se prende às explicações, ele conta uma história. Essa história joga com o modo de funcionamento do senso comum ao mesmo tempo em que o contraria, provocando efeitos de incoerência e assim pode gerar nos leitores a sensação do absurdo (PEREIRA, 2013).

Nessa literatura, há a presença de ao menos uma figura humana – ou parecida – que dá “o chão” da narrativa. Essa personagem permite que o leitor olhe com seus olhos e tente compreender o mínimo do que ocorre nesse novo universo.

Desse modo, o desafio se faz no encontro do não senso com o sentido. Alice, na obra de Carroll, foi uma criança que viveu aventuras em um lugar muito diferente do qual ela estava acostumada. Os modos de operar desse lugar não são comuns, são invertidos como em um espelho e a sensação do absurdo faz, muitas vezes, com que as inversões sejam ignoradas e descartadas na lógica de que não existe uma coerência. A convocação deste texto é para que o leitor se permita deslocar seu olhar junto com Alice, que possa dar uma olhadinha através do espelho e possa perceber novas lógicas do sentido.

Por um trecho, a toca de coelho seguia na horizontal, como um túnel, depois se aprofundava de repente, tão de repente que Alice não teve um segundo para pensar em parar antes de se ver despencando num poço muito fundo. Ou o poço era muito fundo, ou ela caía muito devagar, porque enquanto caía teve tempo

De sobra para olhar à sua volta e imaginar o que iria acontecer em seguida. Primeiro, tentou olhar para baixo e ter uma ideia do que a esperava, mas estava escuro demais para se ver alguma coisa; depois olhou para as paredes do poço, e reparou que estavam forradas de guarda-louças e estantes de livros; aqui e ali, viu mapas e figuras pendurados em pregos (CARROLL, 2015b, p. 11 - 12).

Estamos em queda livre. Como Alice. Olhando em volta e vendo coisas que parecem estar paradas, mas que, paradoxalmente, nos acompanham na queda. Ainda é uma surpresa. Tudo é uma surpresa e nos espanta. É *historicamente* em queda livre. A queda serve quase como um susto. O chão que pisamos não surgiu do nada e para o nada. Nós o construímos. E os buracos nos lembram que ele nunca está totalmente pronto. Cair no buraco não é dizer que construímos errado, nem certo. Significa dizer que construímos e teremos que continuar a construir. Cair no buraco é desnaturalizar, é ter mais superfície⁶ de contato, é olhar para essa construção, ver nossas práticas, fazer agenciamentos geotemporais. O que temos feito até aqui? Quais os efeitos disso? A infância nos convida a questionar. A saltar nesse buraco criando mais superfície, vamos caminhando com Alice e pensando a infância.

Nas andanças pelo serviços socioassistenciais tive contato com as crianças. Esses serviços, no geral, são destinados às crianças, aos adolescentes e também aos idosos, todas as idades nas quais as falas e as atitudes são consideradas, por vezes, “sem freio”, pois fazem aquilo que desejam e não se importam em quebrar regras de convivência. Isso para a lógica hegemônica de funcionamento operante não é uma maneira adequada de comportamento, não é uma boa maneira de se portar, principalmente no serviço de **convivência**⁷.

Nós temos uma política de governo que fundamenta e embasa os serviços socioassistenciais (vamos falar sobre ela no próximo capítulo). Uma política que foi construída por muitas vozes, em meio a muitas lutas para garantir direitos sociais básicos. O que chamo atenção é para a palavra construção. Foi uma política construída, desse modo ela não existiu sempre. Aqui, existe uma dimensão histórica das nossas construções. Tendemos por pensar numa lógica evolutiva, onde as

⁶ Como cair no buraco, nas profundezas pode fazer com que tenhamos ainda mais superfície? Pode parecer confuso, mas vamos tentar aprender durante o texto.

⁷ Referência ao serviço de convivência e fortalecimento de vínculo (SCFV), serviço que conheci e tive muitas vivências com crianças e idosos.

coisas linearmente evoluem, e haverá um momento em que tudo chegará ao seu ápice, sem que seja necessário mais o movimento. Mas, se as políticas e as formas a partir das quais mantemos certo modo de vida não são evolutivas e nem estão prontas, pois foram construídas, qual é o olhar que os convidamos para apurar? O olhar do involutivo, do devir, do acontecimento. Construímos um mundo e temos diversos tipos de operações muito complexas que sustentam esse mundo.

A proposta aqui é olhar para a experiência infantil, que parece a princípio, em um olhar das alturas⁸, muito bem estabelecida. Um significado comum. Afinal, de modo generalista, todos sabemos o que é ser criança, não é mesmo? Entende-se que a infância tem de ser protegida e que ela tem uma pureza essencial e enquanto infantil não sabe muito bem o que fala e faz. É o não senso, a desrazão.

A literatura de Carroll é vista como um sonho, e o sonho, como se fosse uma ilusão e não existisse. Mas o que esse modo de tratar a obra de Carroll como infantil diz e atualiza? Os infantis, muitas vezes, tocam mais a superfície, que é o plano das forças, do que os que se dizem adultos. E sempre que esses adultos fazem algo reprovável, isso é tratado depreciativamente como sendo algo infantil. Não se trata de dizer que ser adulto é ruim e ser criança é bom, nem o contrário. Criança pode ser infantil. E a infantilidade também tem condições de dizer coisas. Ou melhor, a infância **não tem condições** para dizer. Condição é aquilo que condiciona, e o que condiciona a fala infantil? Nada. Isso é o não sentido, logo, é a própria produção do sentido. O adulto tem condição, tem condição demais, ou seja, ele está condicionado às regras de convivência. As crianças dizem coisas sem condições, sem condicionalidades. Dizem das suas vidas, do modo como a enxergam, do modo como a experienciam.

Na verdade, elas estão efetivamente criando e construindo mundos. Nós também podemos e fazemos isso, mas estamos cheios de condições. Aqui, falo do infantil, da infância como criação, e essa possibilidade de criação que não está **dada**

⁸ “A imagem do filósofo, tanto popular como científica, parece ter sido fixada pelo platonismo: um ser das ascensões que sai da caverna eleva-se e se purifica na medida em que mais se eleva. Neste ‘psiquismo ascensional’, a moral e a filosofia, o ideal ascético e a ideia do pensamento estabeleceram laços muito estreitos. Deles dependem a imagem popular do filósofo nas nuvens, mas também a imagem científica segundo a qual o céu do filósofo é um céu inteligível que nos distrai menos da terra do que compreende sua lei. Mas nos dois casos tudo se passa em altitude (ainda que fosse a altura da pessoa no céu da lei moral)”. (DELEUZE, 1998 p.131).

apenas à criança. Não é a criança em si, mas a experiência da infância, que pode se dar comigo, com você, com um ser pequenininho. É essa experiência que estamos chamando de agenciamento geotemporal, a experiência de queda livre no tempo e no espaço, que nos permite sentir a superfície em toda sua porosidade. Estamos tentando falar aqui exatamente dessa experiência que pode nos transversalizar, passar por nós, não no sentido de atravessar, pois os atravessamentos são os condicionantes. Mas, como aquilo que de algum modo também nos habita. Somos habitados por isso: criação sem condicionantes.

Alice é uma figura, uma personagem. Ela não é fictícia, mas é inventada (DELEUZE; GUATTARI, 1992). Ela não é uma criança só, nem uma representação de todas. É Alice. Criança, que transita, que equivoca. Que olha e olha de novo, que se assusta, que chora, que coloca em saia justas, que vive, que sonha. Que passa em mim e passa em todas essas vivências.

Diante dela havia outro corredor comprido e o Coelho Branco ainda estava à vista, andando ligeiro por ele. Não havia um segundo a perder; lá se foi Alice como um raio, tendo tempo apenas de ouvi-lo dizer, ao dobrar uma esquina: Por minhas orelhas e bigodes, como está ficando tarde! (CARROLL, 2015b, p. 11).

O tempo urge como com o Coelho Branco, a sensação é de que chegarei atrasada demais, tarde demais. Atrasada na escrita e atrasada até mesmo na vivência que já se passou dentro do espaços por onde passei. Há tantas questões para perguntar e parece que elas chegam atrasadas, eu pareço sempre estar atrasada. Isso parece bem natural, afinal: o que é mais natural do que uma adulta atrasada? Adultos têm coisas demais para fazer. O bom mesmo é ser criança, não é? Criança SÓ brinca, não faz nada. Alice só seguiu o Coelho Branco porque não tinha mais o que fazer...

Mas Alice me ensina a estar disponível, não de forma naturalizada, como os adultos fazem, mas a estar disponível para se abrir ao novo, à criação. Assim, a escrita atrasada é o modo a partir do qual o pensamento pode emergir, atrasa-se porque tem disponibilidade, tem um debruçar-se, porque nos demoramos. Porque antes mesmo da escrita, **tem cartografias**. E onde já se viu mapa feito sem demora? Os mapas são feitos depois, a dissertação foi feita depois, quando escrevo já se passou. Entendo aqui a escrita enquanto uma parte desse processo que fala

dos caminhos, da consistência, daquilo que vem depois e que também é necessário e também não é o fim.

A vivência também chega atrasada, depois de já ter se passado. A memória das experiências lhes confere vida, mesmo depois de já terem acontecido. A memória para Bergson é um fenômeno que “prolonga o passado no presente” (BERGSON, 2006, p. 247). “[...] É do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (BERGSON, 2006, p. 179). Desse modo, essas memórias ainda acontecem, pois seus efeitos vão fazendo **dobras** no tempo e vão produzindo mundos.

Pensando tardiamente, Alice me mostrou alguns pontos interessantes. O primeiro é que é preciso me espantar. Vivemos no tempo *cronos*, que por vezes nos auxilia, ajudando a perceber as formas atuais. Quando perdemos a capacidade de pensar – pensamento enquanto quebra, violência, bifurcação – podemos facilmente esquecer que em algum momento as formas foram criadas por forças, pois é o pensar que possibilita que enxerguemos os processos nas formas. Pode parecer bem natural que tenhamos prazos para realizar, por exemplo, os prazos do mestrado, e em nome desse prazo podemos condicionar o processo de escrita, produzindo alguns engessamentos que não nos possibilitem pensar, criar...

A criança não é um futuro, como se ela fosse existir de fato quando fosse adulto. Ela é. E o que importa são os caminhos que ela trilha até essa constituição enquanto adulto. Na lógica do produto, o que importa é o resultado final, o que está pronto. Quando se está pronto é que se leva em consideração. Mas, por acaso o adulto está pronto? Ora, claro que não. Isso não é plenamente possível, se está pronto em um momento e logo depois não se está. Ninguém está pronto, estamos em vias de se fazer, num jogo onde nem vamos fazer, nem já fizemos, estamos fazendo. É um processo, e se estamos nos fazendo, estamos produzindo sentidos.

O que pretendo contar neste texto é o processo de pesquisa que me fez “cair” nos meus diários de campo, diários que fiz ao longo da graduação, compondo com os serviços do SUAS. Propus me debruçar sobre eles para pensar o que a criança equivoca. As experiências já passaram, mas continuo “caindo”, por isso chego atrasada. Embora o campo já tenha caído, pois ele está em outra temporalidade, eu

continuo a cair, olhando para os diários como Alice olha para o buraco, preciso olhá-los e cair devagar, olhá-los e perceber as pistas que a infância foi deixando para equivocar as condicionalidades que são colocadas a todo o tempo em suas vidas e nas nossas também.

Faço isso junto com Alice, essa personagem da experiência, da potência do risco, que me faz transitar entre o atual e o virtual⁹ e que possibilita que eu possa dar conta de parte desse processo de formação.

⁹ “O plano de imanência compreende a um só tempo o virtual e sua atualização, sem que possa haver aí limite assimilável entre os dois. O atual é o complemento ou o produto, o objeto da atualização, mas esta não tem por sujeito senão o virtual. A atualização pertence ao virtual. A atualização do virtual é a singularidade, ao passo que o próprio atual é a individualidade constituída. O atual cai para fora do plano como fruto, ao passo que a atualização o reporta ao plano como àquilo que reconverte o objeto em sujeito” (DELEUZE, PARNET, 1998, p. 122).

Capítulo 2 - Política de Assistência Social e suas implicações

Agora preciso conversar com vocês acerca do funcionamento das políticas da AS, falar um pouco da sua constituição na história e pensar quais foram suas implicações, quais práticas temos atualizado hoje, principalmente no que se refere aos serviços direcionados à infância.

As práticas da assistência social foram e são marcadas historicamente pelo caráter caritativo advindo da ideia da boa vontade, do voluntarismo e da caridade religiosa. Ao analisarmos o surgimento da assistência social como política “pública”, vemo-la associada a uma biopolítica que amplia o saber médico-psiquiátrico ao contexto extra-asilar, por meio de estratégias de regulamentação da vida. Pela garantia do bem-estar da população, as políticas de assistência justificam o esquadramento da população pobre. Falamos, então, de práticas normalizadoras do modo de vida social e de jogos de verdade que as envolvem. Tais jogos dão luz às noções de risco e periculosidade e configuram o “trabalho social”, que passou a ser de responsabilidade do Estado. Em nome da prevenção e da proteção ao risco estabelecem-se práticas de governo que se encontram vinculadas à Política Nacional de Assistência Social (PNAS) (BRASIL, 2004), instaurada em 2004. Foi por meio da Constituição Federal de 1988, que a Assistência Social passou a fazer parte de uma Política de Seguridade Social, que busca “assegurar” os direitos sociais, direcionados a partir de 1993 pela Lei Orgânica de Assistência Social (LOAS).

A Política Nacional de Assistência Social (PNAS) - que possui sua centralidade de ação na família - visa a garantir a segurança e a proteção social das famílias, bem como a acolhida e o direito de convívio/vivência familiar. Em sua dimensão ética, a PNAS busca assegurar a inclusão, em programas e serviços socioassistenciais, de sujeitos em situação de vulnerabilidade e risco social; concebe a situação de exclusão social não como algo individual, mas como uma problemática coletiva, na qual toda a sociedade brasileira é corresponsável. Busca, em sua efetivação, garantir a proteção social para quem dela necessitar.

A assistência social, direito do cidadão e dever do Estado, é Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas (Brasil, 1993, Art. 1º).

Entre as normativas norteadoras do trabalho na Assistência Social, temos a Política Nacional de Assistência Social – PNAS (BRASIL, 2004) e o Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (BRASIL, 2006). A PNAS é fundamental por definir e apresentar diretrizes para a efetivação do SUAS (Sistema Único de Assistência Social).

Nos citados documentos, que referenciam a política de AS, o termo *vinculação* é muito mencionado e, na maioria das vezes, se refere aos vínculos familiares e comunitários. Ao discorrer sobre as transformações na sociedade contemporânea, que culminaram também em mudanças familiares, com rearranjos dos mais diversos, o documento afirma que foram desencadeados processos relacionados à fragilização dos vínculos familiares e comunitários, e assim as famílias se tornaram mais vulneráveis. Desse modo, a assistência social vai pautar suas intervenções no fortalecimento desses vínculos, ditos fragilizados. Então, o alvo dessa política pública são pessoas que se encontram em situação de risco e vulnerabilidade, entres estes “famílias e indivíduos com perda ou fragilidade de vínculo de afetividade, pertencimento e sociabilidade [...]” (BRASIL, 2004, p. 33).

A AS é gerida em níveis de proteção social (Proteção Social Básica e a Proteção Social Especial), característica relevante, já que esses níveis de proteção são estabelecidos a partir da vinculação familiar e comunitária dos usuários dos serviços. A proteção social básica tem o objetivo de fortalecer os vínculos familiares e comunitários com serviços centrados nas famílias. As pessoas atendidas nesse nível de atenção, segundo a PNAS, são pessoas em situação de vulnerabilidade social, provocadas pela situação da pobreza, por privação ou decorrente da fragilização de vínculos afetivos (Brasil, 2004).

O principal equipamento que trabalha nesse direcionamento é o CRAS, comumente chamado de “porta de entrada” da assistência social, pois é por meio dele que a maioria das famílias acessa o SUAS. O SCFV, no qual permaneci durante um ano e meio, pode ser efetivado dentro dos CRAS ou nos Centros de

Convivência por meio de programas conveniados com as prefeituras. Em Cariacica (ES), o serviço é oferecido dentro do CRAS e seu objetivo é de complementar o trabalho social com as famílias, realizado através do Serviço de Proteção e Atendimento Integral às Famílias (PAIF). Este tem como proposta a efetivação de um trabalho continuado que visa ao fortalecimento e à prevenção dos vínculos familiares e comunitários, buscando contribuir para uma melhor qualidade de vida dos usuários, através de ações de caráter preventivo, protetivo e proativo, segundo a Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Brasil, 2009).

A Proteção Social Especial é destinada a famílias nas quais algum membro (ou mais de um membro) familiar teve seus direitos violados. Dentre os serviços oferecidos nesse nível de atenção, no que se refere à proteção social de alta complexidade para crianças e adolescentes, têm-se os espaços de abrigamento (acolhimento institucional), acolhimento em família extensa (parentes consanguíneos que assumem a guarda) e acolhimento em família acolhedora (famílias cadastradas no município no Programa Família Acolhedora, que recebem temporariamente crianças afastadas de suas famílias de origem), que recebem crianças e adolescentes em situação de risco e vulnerabilidade social e que tiveram seus vínculos familiares e comunitários temporariamente rompidos, necessitando, portanto, para sua proteção e segurança, serem acolhidas nesses espaços. O Acolhimento Institucional também foi uma dimensão do serviço que pude acompanhar por quase dois anos, em três diferentes espaços dentro da cidade de Vitória (ES).

Assim, a família é ponto central da Política de Assistência Social, assim como de diversas outras leis e políticas públicas que se efetivam tendo as famílias como “base” da sociedade. Segundo Reis (2010), no fim do século XIX e início do século XX, passam a vigorar no Brasil medidas de caráter higienista, que se focavam na figura do “menor”. Nesse contexto, surge a psiquiatria como autoridade capaz de definir a melhor maneira de se tratar os sujeitos desviantes do padrão hegemônico estabelecido (família burguesa), dando espaço para a construção de uma figura paterna ligada ao trabalho e à autoridade, e a uma figura materna que deveria ser responsável pelo cuidado e educação dos filhos.

A medicina exercia seus saberes de formas distintas, a saber, de acordo com a classe econômica na qual a família se inseria. Nas famílias abastadas, o médico se caracterizava como alguém que aconselhava e enaltecia a capacidade dos pais, de modo que os comportamentos eram moldados para que se desenvolvessem práticas consideradas recomendáveis, já nas classes mais baixas essas características se distanciavam, pois, segundo Donzelot, (1980), os modos de vida que eram adaptados para o enfrentamento da pobreza eram desprezados pelos médicos que, com seu saber, impunham a maneira “certa” de se criar filhos.

Há a emergência de discursos que visam à conservação das crianças, que têm por objetivo, nas famílias burguesas, eliminar as influências dos criados sobre a educação das crianças, pois acreditavam que todos os malefícios vinham das nutrizes pobres, encarregadas desses cuidados, e a medicina passa a entregar essas tarefas à mãe. Daí emergem novos modos de concepção de família, pois a mãe junto com a figura do médico vai protagonizar o cuidado das crianças. Antes da metade do século XVIII, não havia interesse nas crianças e nas mulheres, que eram vistas como máquinas de reprodução e tinham sua própria sabedoria para lidar com suas questões, entendidas na sociedade como de menor valor e assuntos de “comadres”. Quando a medicina se apossa desse saber, há a destruição dos saberes populares para sua ascensão.

Nas camadas populares, a medicina vai agir de outro modo. Enquanto há a difusão de literatura médica que vai ensinar como cuidar dos filhos e constituir a aliança entre médico e mãe na burguesia, na família pobre há a tentativa de impedir que as crianças sejam abandonadas em hospícios para menores, de controle das uniões, e de impedir que ocorra a vagabundagem dos indivíduos, principalmente das crianças. “Em tudo isso não se trata mais de assegurar proteções discretas, mas sim, de estabelecer vigilâncias diretas” (DONZELOT, 1980, p. 24).

A família burguesa constituiu-se através de um retraimento tático de seus membros com o objetivo de recalcar ou controlar um inimigo do interior: os serviçais. Através dessa coesão ela se atribui um excesso de poder que a eleva socialmente, permitindo-lhe retornar ao campo social com mais força, para aí exercer diversos controles e patrocínios. A aliança com o médico reforça o poder interno da mulher e mediatiza o poder externo da família. Ao passo que a família popular se amolda a partir de uma redução de cada um de seus membros aos outros, numa relação circular de vigilância contra as tentações do exterior, o cabaré, a rua, Ela realiza suas novas tarefas educativas às custas de uma perda de sua coextensividade com o campo

social de uma separação de tudo aquilo que a situava num campo de forças exteriores, isolada, ela se expõe, doravante, à vigilância de seus desvios (DONZELOT, 1980, p. 43).

Desse modo, na infância também teremos dois modos de ação distintos: a liberação protegida e a liberdade vigiada. A primeira se trata das crianças de famílias burguesas para as quais se delimita um cordão sanitário em seu entorno onde elas possam se desenvolver incentivadas por toda sorte de psicopedagogias que exercem uma vigilância discreta. Na infância pobre o que está em jogo é o excesso de liberdade e as intervenções vêm através das tentativas de limitar essa liberdade, fazendo com que essas crianças sejam levadas a lugares de vigilância mais severos (DONZELOT, 1980).

Ao final do século XIX, surgem diversas profissões que vão dar conta do trabalho social: assistentes sociais, educadores especializados, orientadores, etc. Esse tipo de trabalho não se localiza em um equipamento apenas, ele se estende a partir de aparelhos jurídicos, assistenciais e educativos já existentes e que têm seu foco de intervenção nas classes menos favorecidas economicamente. Dentro dessas camadas sociais, a intervenção tem como alvo primeiro a patologia da infância que pode se dar de dois modos: a infância em perigo e a infância perigosa. A primeira é a que não teve o benefício de receber a educação que era almejada (burguesa) e a segunda é a infância delinquente (DONZELOT, 1980).

Para justificar as intervenções, vale-se de dados estatísticos sobre a delinquência, sobre os delitos cometidos pelos menores.

Nesse primeiro estrato, o saber criminológico se debruça, detecta no passado dos menores delinqüentes, na organização de suas famílias, os signos que possuem em comum, os invariantes de suas situações, os pródromos de suas más ações. Graças ao quê, pode-se estabelecer o perfil padrão do futuro delinqüente: o pré-delinqüente, essa criança em perigo de se tornar perigosa. Sobre ele se instaurará uma infra-estrutura de prevenção, iniciando-se uma ação educativa que possa, oportunamente, retê-lo aquém do delito. Objeto de intervenção ele será, ao mesmo tempo, e por sua vez, objeto de saber. Estudar-se-á com refinamento o clima familiar, o contexto social que faz com que determinada criança se transforme numa criança "de risco". O repertório desses indícios permite recobrir todas as formas de desadaptação a fim de construir um segundo círculo da prevenção. Partindo de uma vontade de reduzir o recurso ao judiciário, ao penal, o trabalho social se apoiará num saber psiquiátrico, sociológico, psicanalítico, para antecipar o drama, a ação policial, substituindo o braço secular da lei pela mão estendida do educador. [...] A substituição do judiciário pelo educativo pode ser vista, igualmente, como extensão do judiciário, aperfeiçoamento de seus procedimentos, ramificação infinita de seus poderes (DONZELOT, 1980, p. 81).

Pensando a questão do perigo, que fomenta diversos tipos de intervenções nas vidas dos indivíduos considerados perigosos, trazemos para a conversa Foucault (1996), que analisa os jogos de forças que vão sendo operados no tecido social a partir do século XVII e os descreve como poder disciplinar. A disciplina emerge em meio ao advento dos processos industriais, investindo sua ação nos corpos dos indivíduos, visando sua disciplinarização para torná-los úteis e dóceis ao capital. Foucault usará o termo “perigoso” como analisador dessa sociedade disciplinar, ou seja, a ideia de perigo social é a condição de possibilidade de emergência da norma, que definirá o que é normal e o que não é.

Seguindo a trajetória do pensamento foucaultiano, no final do século XVIII, a noção de risco vai se conjugar à ideia de perigo. Com isso, a disciplina se alia à biopolítica, que a partir do estudo da população por meio de estatísticas que estabelecem uma curva “normal”, regulamenta e regula, através da suposta naturalidade da sociedade, o que é normal e o que é anormal. Tudo o que escapa do normal será considerado perigoso e aquilo que está em vias de escapar ou que não está previsto na curva normal se configurará como um risco. Este está atrelado então à ideia de controle, pois o risco não é aquilo que aconteceu, é aquilo que pode acontecer. Daí, várias instituições, que Foucault denomina como instituições de sequestro, vão surgir em função da ideia do indivíduo que é um potencial perigo, é um risco, e vão buscar controlá-los para que essa virtualidade seja controlada.

Nas experiências junto às crianças do Acolhimento era comum que chegassem da escola bilhetes sobre o mau comportamento das crianças. Quando íamos conversar com as crianças, elas diziam que eram chacota por morarem em abrigo, e quando conversávamos com os profissionais a justificativa que davam sobre o mau comportamento era devido às condições que elas se encontravam: abrigadas. Serem crianças que moravam em abrigo justificava qualquer atitude que elas tomavam na escola, mesmo que essa atitude pudesse ocorrer com qualquer criança, abrigada ou não. Mas, para estas, o abrigo era o grande vilão, pois o movimento era: moram em abrigo, pois não têm uma “família estruturada”, então por consequência não foram bem educadas e são péssimas cidadãs, todos os seus atos eram julgados a partir disso (Diário de Campo, Abril de 2014).

A extensão do SCFV na vida das crianças, como no trecho trazido do diário de campo, e também a rotulação que atribui valor inferior às crianças vindas de abrigo, dizem desse controle sobre as camadas pobres, população em risco e

vulnerabilidade. O que se coloca como questão é o modo como em nome da proteção, as crianças são expostas a diversos tipos de práticas que buscam limitá-las em sua potencialidade, atribuindo a elas próprias a ideia de RISCO. Aqui há uma inversão. O risco não é a situação em que se encontra a criança (como é trazido na política de governo), mas a própria criança, que livre, pode tornar-se um delinquente ou tornar-se qualquer outra coisa. Assim, o controle e a vigilância se exercem de forma imponente para que sua virtualidade seja governada.

Pensando nas aventuras vividas por Alice, podemos olhar e perceber o absurdo das situações às quais a menina é exposta. O perigo parece sempre iminente, o risco está sempre presente. Mas o não sentido marca suas aventuras e nos desloca da lógica fatalista e previsível. Caminhar com Alice é abrir mão de dizer da forma final, é abrir mão da lógica da periculosidade, que tem servido para paralisação da potência de criação que a infância anuncia.

Capítulo 3 - Eu estava tranquila...

Parece que era esse o estado que eu me encontrava, antes de começar tudo. Quem é que não gosta de tranquilidade? Usamos a tranquilidade para descrever estados de espírito equilibrados, em paz, algo que não queremos que se altere, afinal de contas: não é boa a sensação de estar em paz, sem conflitos?

Alice, uma mocinha conhecida por muitos por ir ao país das maravilhas, me ajudou a perceber certos estados (e até a transformá-los) e viveu essa jornada comigo. Queria que vocês soubessem que Alice disse que o país das maravilhas recebeu esse nome equivocadamente. Não porque ele não seja maravilhoso, mas o sentido de maravilhoso que andam colocando por aqui não tem nada a ver com esse país, como eu disse: eu estava tranquila... não imagine que a tranquilidade e o equilíbrio sejam maravilhosos. Não neste país. Não nesta dissertação.

“Eu estava tranquila” não corresponde ao mesmo eu a que me refiro neste texto, isso é uma das coisas boas de se inventar. Inventando o tempo todo, nada permanece igual. Inventar tem a ver com o país das maravilhas, inventar é que é maravilhoso. Bem coisa de criança mesmo, sabe? Caso não saiba (não é obrigatório que você saiba, longe disso...) convido você a descobrir, a inventar, como Alice no país da invenção me ajudou.

Alice estava começando a ficar muito cansada de estar sentada ao lado da irmã na ribanceira, e de não ter nada para fazer; [...] Assim, refletia com seus botões (tanto quanto podia, porque o calor a fazia sentir sonolenta e burra) se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas valeria o esforço de se levantar e colher as flores (CARROLL, 2015b, p. 13).

A tranquilidade de Alice sentada na ribanceira não a fazia inventiva, ela ainda pensava se valia mesmo a pena se levantar para colher flores. Ela estava mesmo tão entediada que até mesmo buscar margaridas (que são realmente lindas) não tinha nenhuma graça. Pensando dessa forma, o equilíbrio pode não parecer tão promissor assim, ele enche os dias de mesmice, de tédio, tirando o sentido e a beleza da feitura de novas guirlandas e o apreço por ver um riacho que corre com águas sempre novas e fresquinhas.

Eu estava tranquila...

Quando de repente um Coelho Branco de olhos cor-de-rosa passou correndo por ela.

Um Coelho? Não soa tão estranho... até Alice concordou:

Não havia nada de tão extraordinário nisso.

-Ai ai! Ai ai! Vou chegar atrasado demais!

Espera...UM COELHO DISSE ISSO?

Viu o Coelho tirar um relógio do bolso do colete e olhar as horas, e depois sair em disparada, Alice se levantou num pulo, porque constatou subitamente que nunca tinha visto antes um coelho com bolso de colete, nem com relógio para tirar de lá (CARROLL, 2015, p. 13).

Oh, isso definitivamente soa estranhíssimo. Em uma vida “normal” e “equilibrada”, esse acontecimento está totalmente fora do padrão. Talvez seria melhor deixar esse coelho para lá, forçar um pouco a vista e constatar que foi fruto da imaginação de Alice. Coelhos de colete? E que falam? Não acho que seja algo a ser considerado.

Esta dissertação necessita de algo mais real, não acham? Talvez coelhos de coletes, e ainda por cima falantes, não sejam sobre o que vocês precisam ler. Que tal nos voltarmos para a psicologia. A maioria a considera uma profissão respeitada. Que trabalha com a mente e o comportamento do ser humano e o auxilia em seus sofrimentos. Sim, é bem melhor falar da psicologia, afinal de contas, eu sou uma psicóloga!

Quando entrei no curso de psicologia, eu estava tranquila...

Diziam, e ainda dizem muito para mim e para os meus colegas de profissão: “Acho a psicologia encantadora, acho que levo jeito pra isso. Sou muito de ajudar as pessoas, com certeza me daria bem”. Movida por esses pensamentos, fui eu me lançar, ou melhor, dar uma conferida sobre essa profissão tão “encantadora”.

Iniciar essa jornada foi estar à beira do riacho, sentada, entediada e tentando decidir se iria me mover para realizar alguma coisa (seja lá o que fosse). Faço coro a esse momento de Alice que era também o meu. Não parecia tão encantador como tinham dito. Na verdade, não era nada encantador.

Nos primeiros períodos do curso, aprendemos algumas metodologias que não

convocaram nem a mim nem à turma a realizar pesquisa. Mas mesmo assim, nesse mesmo tempo, iniciei minha participação no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância e Juventude dentro da política de assistência social (RAIJ – Rede de Atenção à Infância e Juventude), e comentando sobre a minha inserção em um grupo de pesquisa, uma colega de turma disse: *“Eu não acredito em pesquisa, acho que não deveríamos fazer isso”*. Diante das aulas que tínhamos de metodologia de pesquisa, a constatação da colega me pareceu muito pertinente.

As metodologias pareciam não colocar questão, pois já estavam prontas. Deleuze e Parnet (1998) vão dizer que:

As questões são fabricadas, como outra coisa qualquer. Se não deixam que você fabrique suas questões, com elementos vindos de toda parte, de qualquer lugar, se as colocam a você, não tem muito o que dizer. A arte de construir um problema é muito importante: inventa-se um problema, uma posição de problema, antes de se encontrar a solução (p. 02).

A maioria das metodologias e modos de usá-las que tínhamos visto até ali não abriam espaço para fabricarmos nossas questões. Colocar as questões prontas “sobre” nós não fazia com que houvesse movimentação de saída do tédio, da tranquilidade.

Mas Coelhas de relógio de bolso, passaram correndo por mim.

Coelhas? Mas de novo essa história de coelhos, coelhas...

Foi um susto, e aconteceu comigo, por isso posso contar, Alice não estava errada, isso aconteceu mesmo! As Coelhas passaram correndo e me movimentaram, me espantaram e despertaram em mim o desejo de acompanhá-las. O modo como olhavam o campo e a pesquisa era diferente, era como se a paisagem tivesse mudado, mesmo estando no mesmo lugar.

Queria deixar registrado que esse encontro ou essa perseguição não foi nenhum pouco tranquila. A beleza saltava os olhos ao mesmo tempo em que os machucavam. Eram solavancos atrás de solavancos. Cair no buraco não é muito confortável...

Falei sobre as contribuições de Alice neste texto, mas conheci Alice através das Coelhas, porque eu quis saber por que “cargas d’água” Coelhas estavam apressadas, com seus relógios de bolso, trabalhando em um grupo de pesquisa e extensão universitária.

Ao segui-las com um olhar curioso, mas ainda cético, tive a oportunidade de olhar por algumas lentes, vislumbrar alguns caminhos, que apontavam para modos de saber-fazer bem distintos do que eu já havia visto até ali. Uma das questões que tive que me a ver, logo no início, junto com as coelhas foram as questões relacionadas ao pesquisar.

Bom, o que aconteceu comigo foi que estive caindo no buraco nesses anos de pesquisa e extensão. O RAIJ foi a condição de possibilidade de deixar o tédio, a tranquilidade. Foram anos de grupo, mas principalmente foram anos de intensidade de quedas. Olha que eu comecei a cair quando ainda estava no 3º período do curso de psicologia... E daí, as intensidades não pararam, me trazendo até este texto no curso de mestrado.

Deleuze disse, em uma entrevista dada a Claire Parnet: “Garanto que, quando leio um livro que acho bonito, ou quando ouço uma música que acho bonita, tenho a sensação de passar por emoções que nenhuma viagem me permitiu conhecer” (DELEUZE; PARNET, 2010, p. 77).

Os encontros com o grupo RAIJ foram assim, foi como num susto e tudo começou a mudar, eram sensações desconhecidas que me habitavam, que me faziam querer conhecer, querer estar caindo no buraco mesmo no desconforto. Eram conversas, leituras, piadas, broncas, alívios, sustos que me constituíam outra. Falávamos sobre crianças, riscos, afetividade, vínculo, produção de discursos, vida, morte, controle, biopolítica, encontros, loucura, trabalho, sofrimento, pobreza, tecnologias, diários, força, poder, subjetividade, subjetivação, processos, formação...

Foram tantos encontros, tantas intensidades, que aquele grupo *dura*, ainda que o RAIJ tenha finalizado seus trabalhos. É tudo, porque é muito, não só de quantidade, mas de intensidade daqueles encontros e suas afetações em todas e em todos nós que compomos o grupo.

Depois de algum tempo pesquisando, na companhia fugidia das coelhas, as questões que envolviam os vínculos feitos pelas crianças, pelos adolescentes e pelos trabalhadores de alguns Acolhimentos Institucionais de Vitória (ES), pude

pensar melhor naquela fala da colega que emergiu como dispositivo¹⁰ de análise, e que muito tempo depois ainda reverbera em mim de modo a pensar em qual tipo de pesquisa desejo fazer.

A fala da colega coloca alguns problemas¹¹ fundamentais para pensar pesquisa: existe uma única forma de se fazer pesquisa? Existe uma forma hegemônica de pesquisar? Quais eram as perspectivas metodológicas que as pesquisas daquelas disciplinas lançavam mão? Existem metodologias que possam nos trazer o desejo e o prazer de conhecer? Junto com o grupo de pesquisa e junto com os atores¹² que compuseram o campo da assistência social pude conhecer e usar ferramentas metodológicas que hoje me compõem e me impulsionam a me comprometer com outra postura como pesquisadora.

Como exemplo, comumente se concebe o percurso da história da humanidade de forma hegemônica, linear e evolutiva. Os acontecimentos históricos são vistos como fatos objetivos e neutros. Assim, o mundo tal qual conhecemos hoje, com suas instituições e modos de operação, aparece como formas estáticas e naturalizadas. Barembliitt (2002) faz a distinção entre a historiografia e a história. A primeira trata de registros de fatos históricos encontrados em arquivos que são publicitados de acordo com os interesses das classes dominantes e do Estado, se pretendendo neutra e objetiva, mas que, podemos pensar a partir de certo modo que privilegia os interesses dos dominantes. A história, por sua vez, se caracteriza como um processo de conhecimento que aspira pela reconstrução dos acontecimentos ao longo do tempo, assumindo que toda reconstrução parte de um olhar e esse olhar

¹⁰ Um dispositivo é “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma: o dito e o não-dito [...] O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos” (FOUCAULT, 1999, p. 244).

¹¹ Aqui uso o problema não como um entrave, como uma dificuldade, mas como um modo de colocar questões, de problematizar, de pensar. É a fabricação de questões.

¹² O ator não é a fonte da ação, mas, o alvo de um conjunto de entidades que se digladiam fazendo-o agir, fazendo com que ele se torne ator. Assim, a ação na rede é assumida pelos atores agentes na rede. No fim, não se sabe quem faz o quê, ou que entidade aciona a outra entidade (LATOURETTE, 2012). Segundo Gonzales e Baum (2013, p. 152): “A rede só existe com todas estas entidades se debatendo em controvérsias e ações. São tão heterogêneas quanto os repertórios utilizados para relatar suas ações”.

por sua vez não é neutro, pois existem jogos de interesses em curso e alguns se sobressairão sobre os outros.

Assim, nenhuma história é linear nem homogênea, uma vez que trata de forças em luta, que fazem emergir uma perspectiva histórica. Desse modo, entendemos que não existe *A História*, mas as *histórias*. Uma são contadas e acabam por ser entendidas como únicas e outras não são contadas, e quando são, têm pouca visibilidade ou são entendidas como menos importantes. Mas quero falar das menos importantes, essas são bem mais interessantes.

Partindo desse sentido de história, Deleuze e Guattari (1976) falam de grandes cortes na história que influenciaram irreparavelmente a história do pensamento. Esses cortes foram irreparáveis, pois após o seu acontecimento não havia possibilidade de retorno ao que se pensava anteriormente.

Essas mudanças na história do pensamento ocorrem não por uma noção de evolução do pensamento, mas como rupturas, pois entendemos aqui que não há linearidade, como antes dito.

As maneiras de concepção do que é verdadeiro e as maneiras de alcançar a verdade foram se modificando ao longo da história. No mundo antigo, influenciado pelo pensamento platônico, na compreensão do mundo havia o entendimento de que todas as coisas tinham uma verdade e que cabia ao homem descobri-la (ARAÚJO, 2015). Essa lógica, em que supostamente as verdades se encontram no mundo, começa a ruir com o exercício da suspeita. Descartes lança a ideia de representação do mundo, na qual a proximidade da verdade sempre está na dúvida. A dúvida passa a ser o novo método. Assim, a lógica matemática dita o critério da verdade, pois quanto mais se reduz mais se universaliza e assim mais perto da verdade se está. É inaugurada a ideia da consciência, pois agora não se pensa que a verdade é apenas uma ação de reconhecimento passivo da essência (mito da caverna¹³), mas é uma ação (desejo) da própria dúvida que se dá na consciência. Para alcançar essa verdade, por meio do exercício da dúvida, é preciso pensar. Em Descartes, não pensar é perder a razão, então tudo o que se considera além da

¹³ O Mito da Caverna (PLATÃO, 2001), também chamado de Alegoria da caverna, foi escrito pelo filósofo Platão, e consta na obra intitulada República. O mito é a exemplificação da maneira na qual podemos nos libertar da condição de escuridão, que nos aprisiona, através da luz da verdade.

consciência ou da racionalidade é um tropeço, um impedimento para se chegar à verdade e esse tropeço é categorizado como loucura. Obviamente, os cortes que ocorreram na história não são lineares e nem anulam os modos de pensar anteriores. “Os conceitos cartesianos não podem ser avaliados a não ser em função dos problemas aos quais eles respondem e do plano sobre o qual eles ocorrem” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 36).

A ação Psi precisa superar as profundezas das representações e trazer tudo à superfície. Pois questões da mão esquerda¹⁴ não têm condições de serem pensadas usando decalques, pois deixam de lado sua multiplicidade. Aqui falamos de um sentido que se coloca não na lógica cartesiana, mas um sentido de outra ordem, da ordem da multiplicidade, e por isso novos conceitos precisam ser criados.

Certamente, os novos conceitos devem estar em relação com problemas que são nossos, com nossa história e sobretudo com nossos devires [...] Se um conceito é “melhor” que o precedente, é porque ele faz ouvir novas variações e ressonâncias desconhecidas, opera recortes insólitos, suscita acontecimentos que nos sobrevoa (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 36).

É importante, também, dar passagem a esses conceitos, e isso não é algo fácil. Por mais que as perguntas surjam, que os acontecimentos não cessem de acontecer, que as perguntas estejam praticamente nos engolindo de tão na cara que estão, é muito forte o modo de pensamento aprendido antes. Há o desejo de retorno ao estado inicial, de tranquilidade, e este se coloca enquanto fuga, já que as questões que surgem são “demais” para esse plano. Exige um esforço para que o pensamento (que não é uma mera reflexão) possa passar, exige quebras, desvios doloridos, mas necessários para que essas perguntas sejam eticamente colocadas e pensadas.

E as respostas? Bom, elas se alteram, não vêm cartilhadas, exatamente porque são inventadas.

¹⁴ No livro *Suicídio e Alma* de James Hillman (1993), é utilizado tanto o conceito da mão direita quanto o da mão esquerda. A primeira diz respeito aos aconselhamentos conscientes, à adaptação à ordem social vigente, enquanto a esquerda significa a própria análise, que revela um homem que pode se dar ao seu aspecto canhoto e sinistro, que pode cometer atos considerados loucos. Aproprio-me aqui deste conceito, não enquanto representação, mas para dizer do manejo da mão esquerda, que foi considerada historicamente a mão errada, a mão sinistra, a mão não principal, a mão não normal. Tudo em nosso modo de vida está a favor da mão direita em detrimento da esquerda. Mas a mão esquerda nos habita, mesmo que a mão direita queira dominar. As questões sinistras, que nos compõe e que emergem a todo o tempo precisam encontrar passagem, o Coelho de colete, as questões que nos tiram da tranquilidade são as questões que a mão sinistra coloca para nós e que não cessam de emergir nos agenciamentos que fazemos.

Mesmo com outras viradas na história do pensamento, a forma cartesiana se atualiza ainda hoje, tendo grande influência no pensamento moderno, e por consequência também nos modos de se pesquisar. As metodologias de pesquisa que aprendi durante as disciplinas da graduação bebem dessa fonte e delimitam algumas suposições gerais, na qual entendem (1) a realidade como uma forma estática, dada a priori, sendo o pesquisador aquele que descobrirá essa realidade; (2) que o real é delimitado, definido e determinado; (3) que a realidade é uma só, linear, e o mundo só pode ser conhecido de uma forma, pois permanece o mesmo (MORAES, 2010).

Fechar-se apenas nessa perspectiva é correr sério risco de perdermos partes preciosas dos processos do conhecer, perdermos de vista exatamente aquilo que escapa do enquadramento, da moldura efetivada pelo “recorte” da pesquisa, aquilo que está por se fazer, que está em feitura e que tem possibilidade de quebrar com as formas cristalizadas, as molduras.

Diante disso, me coloco a pensar. A princípio, não tenho inclinações pelas visões de mundo estáticas e prontas, não quero fazer pesquisa guiada por um método engessado e que produz questões que já estão respondidas. Então, quais são os caminhos que me atrevo a percorrer? A quebra com a concepção de uma história homogênea e com um mundo estático me força a buscar novas formas de pesquisar, e a pensar as políticas de pesquisa.

Junto com diversos autores e atores, como Deleuze, Guattari, Foucault, Rolnik, Latour, as crianças do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo (SCFV), as crianças do Acolhimento Institucional, os professores, os colegas, e, claro, junto com o grupo de pesquisa, as coelhas, o sorriso sem gato, a tartaruga falsa etc, vou construindo um modo de pensar e fazer pesquisa, que se distancia da higienização, da neutralidade, da previsibilidade, do controle, no qual se localiza um modo hegemônico de pesquisa. Pois a vida cotidiana, bem como a pesquisa, não acontece de forma fechada, enclausurada: os discursos e as ações sempre encontram jeitos de escapar, ainda que se tente a todo o momento – através das instituições e suas reproduções – cristalizá-los.

Segundo Deleuze (1998), o pensamento é raro, e não está ligado à lógica racional, na qual se pensa através da razão. O pensamento acontece através de choques, golpes bruscos na realidade, forças que deslocam.

O pensamento, desta perspectiva, não é fruto da vontade de um sujeito já dado que quer conhecer um objeto já dado, descobrir sua verdade, ou adquirir o saber onde jaz esta verdade; o pensamento é fruto da violência de uma diferença posta em circuito, e é através do que ele cria que nascem, tanto verdades quanto sujeitos e objetos (ROLNIK, 1993, p. 05).

Trabalhar nessa lógica do pensamento, na qual me deixo violentar pelas marcas vivas que carrego ao longo desse percurso, é algo custoso e muito difícil. Difícil não porque essa lógica é o ápice da ciência/filosofia, o qual só os mais inteligentes vão acessar. Muito pelo contrário, pois nessa lógica de pensamento a “inteligência vêm sempre depois” (ROLNIK, 1993, p. 05).

O Chapeleiro arregalou os olhos ao ouvir isso, mas tudo o que disse foi: “Por que um corvo se parece com uma escrivainha?”

“Muito bem, vamos nos divertir agora!” pensou Alice. “Estou feliz que eles tenham começado a propor adivinhações! Acho que posso decifrar esta!” acrescentou em voz alta.

“Quer dizer que você pensa que pode encontrar uma resposta para isso?” indagou a Lebre de Março.

“Exatamente”, respondeu Alice.

“Então você deve dizer o que pensa”, continuou a Lebre de Março.

“Eu digo o que penso”, Alice apressou-se em dizer, “ou, pelo menos... pelo menos eu penso o que digo... é a mesma coisa, não é?”

“Não é a mesma coisa de jeito nenhum!” interveio o Chapeleiro. “Ora, assim você afirmaria que ‘vejo o que como’ é a mesma coisa que ‘como o que vejo!’”

“Assim você afirmaria”, acrescentou a Lebre de Março, “que ‘gosto daquilo que tenho’ é a mesma coisa que ‘tenho aquilo de que gosto!’ [...]”

“Você já decifrou a adivinhação?” perguntou o Chapeleiro, voltando-se outra vez para Alice.

“Não, desisto”, respondeu Alice. “Qual é a resposta?”

“Não faço a mínima ideia”, disse o Chapeleiro.

“Nem eu”, disse a Lebre de Março.

Alice suspirou enfadada. “Acho que você deveria aproveitar melhor o tempo”, disse ela, “em vez de gastá-lo com adivinhações sem resposta.” (CAROLL, 2015b, p. 64-66).

As questões metodológicas soam para mim a princípio como as do Chapeleiro a Alice: “Qual a semelhança entre o corvo e a escrivanhinha?” Alice busca, a partir da lógica (platônica/cartesiana), pensar em tudo o que pode parecer semelhante entre o corvo e a escrivanhinha, enquanto um diálogo sem muito sentido (para ela) vai acontecendo. Ela conclui muito rapidamente que não sabe e pede pela resposta. O Chapeleiro não a têm, e isso a irrita profundamente. É difícil se deslocar da lógica cartesiana, é difícil, inclusive, escrever sobre. É um exercício que não acaba. Ora é possível abrir questões sobre a semelhança entre o corvo e a escrivanhinha, ora nos prendemos em querer a resposta verdadeira para essa questão. No caminho de pesquisa que estou trilhando não se garante nada de início, e sem essa garantia, pode parecer, a princípio, que não existe um método, nem uma ética, mas não é bem assim...

Bom, qual é o esforço aqui? Dizer que as coisas não estão prontas, desse modo não dá para pesquisar coisas prontas. Isso não quer dizer que não existam formas. Elas existem e são constituintes da realidade. Mas é preciso se pensar as forças que fazem essas formas existirem. É nas forças que estou interessada. Os pensamentos são as rupturas que nos deslocam do lugar “formal” e nos convocam a perceber novas forças em luta e para isso não há um método. Não um método pronto, mas sim um posicionamento frente ao processo de pesquisar, uma ética, uma estética e uma política.

Tratamos como rigor ético não um conjunto de leis que têm um valor em si, como nas metodologias hegemônicas, pois estas estão no âmbito da moralidade. O que é ético “é o rigor com que escutamos as diferenças que se fazem em nós e afirmamos o devir a partir dessas diferenças” (ROLNIK, 1993, p. 7). Verdades são tecidas através desse rigor, e elas têm valor enquanto são conduzidas por cada experiência, sempre pensadas a cada tempo e momento (local e situadas). O processo de pesquisar também é estético, pois não se pauta em regras de um campo estabelecido, mas sim da possibilidade de criação de realidades. E é também político por ser uma luta cotidiana contra as formas que impedem as forças de atuarem como possibilidade de mudança.

Desse modo, é preciso exercitar o pensamento percebendo os efeitos que emergem dos acontecimentos¹⁵, analisando a implicação das práticas e dos discursos. Sempre nos perguntando quais efeitos a pesquisa tem produzido, em que eles contribuem, quais discursos eles reforçam, quais vidas são afirmadas ou são mortificadas através deles. São perguntas-pistas que vão ajudando a construir minha pesquisa.

Após alguns anos participando do grupo de pesquisa, chego ao final da graduação com muitas questões relacionadas ao campo de trabalho na Assistência Social. Através dessas questões elaboro meu pré-projeto para o mestrado.

Hoje, relendo-o, percebo o quanto ele ainda estava opaco, com problemáticas muito amplas. Essa indefinição se deve também a essas muitas questões que naquele momento não conseguia delimitar. Com uma das muitas experiências que pude viver naquele espaço (experiência narrada *pelo* diário de campo), elaborei o pré-projeto. Mas, costumo dizer que o pré-projeto foi um parto. Eu nunca pari de fato uma criança, mas aquele projeto foi gestado durante o tempo em que estive no CRAS, foi até uma gestação mais longa que a convencional, durou um ano e meio. Depois desse tempo, o pré-projeto para o mestrado foi parido. Assim como um recém-nascido, que por maior que seja o esforço em delimitá-lo, ou até sonhar em como ele será no futuro, a gente nunca sabe exatamente o que será, porque ele é potência. Nos seus agenciamentos, ele vai se constituindo, se acoplando, se modificando. A angústia de querer saber logo o que ele vai se tornar é presente. Deleuze e Guattari (1976) ajudam a pensar sobre essa angústia. Naturalizamos a ideia do “resultado final” como se ele fosse o mais importante, ou como se tudo fosse se resolver nesse fim da história. Como com o recém-nascido, esperamos e nos angustiamos pelo que ele vai se tornar e não nos damos conta do que ele já é, dos agenciamentos que ele já é capaz de fazer. O pré-projeto foi o parto e a abertura para a multiplicidade de questionamentos que são possíveis de serem feitos naquele

¹⁵ “[...] o pensamento de Deleuze ignora os grandes acontecimentos, aqueles que reconciliam o infinito e o finito, o abstrato e o concreto, em que o tempo é entendido como a superação de uma contradição. O tempo das multiplicidades, pelo contrário, é compreendido como singularidade, como um acontecimento onde o que se observa é a amplitude e a qualidade das forças que se apoderam de uma coisa. Não há aí contradição que prepare a reconciliação, há pluralidade, naturalmente mais pródiga que qualquer oposição” (CARDOSO JR, 2005, p. 111).

campo. E esse processo foi importante e fundamental para que eu pudesse delinear as problemáticas do projeto, que originaram este texto.

Por isso, afirmamos toda hora: os processos são importantes! Na realidade, os processos são o que importa. A angústia passa pela via da multiplicidade, o projeto poderia tornar-se muitas coisas, dar guinadas em caminhos muito diferentes, daí a angústia. O que foi possível fazer nesta dissertação foi dar alguns contornos a esse percurso, foi necessário estar atenta e sensível ao que se passou e ao que ainda se passa, olhar para pequenos fios, puxá-los e virá-los do avesso.

Minhas andanças pelo CRAS foram muito plurais, participei de quase todos os serviços oferecidos pelo equipamento, e isso gerava em mim o desejo de dar conta de muitas demandas ao mesmo tempo. Nas orientações do RAIJ, eu dizia: “*Eu preciso ir ao CRAS todos os dias para dar conta disso*¹⁶”. Na realidade, eu queria dar conta de coisas demais. Só no final do estágio me contive no SCFV. Mas, as questões dentro desse serviço também eram inúmeras.

Desse modo, com esse resgate, posso iniciar alguns delineamentos, contornos mais situados e localizados das problemáticas e dos objetivos, entendendo que uma pesquisa ético-estético-política é importantíssima. E as questões metodológicas falam de uma postura do pesquisar, um *ethos* de pesquisa. Sem limpezas propostas pelas metodologias duras. Assim, é preciso transpor as barreiras do positivismo e sujar o papel, as falas não foram cortadas aos moldes positivistas, as crises foram ponto de discussão. Não temos o intuito de entregar nada muito limpo, por isso mesmo, é preciso que apareçam nesta dissertação os modos pelos quais cheguei aos sujeitos, aos companheiros de pesquisa, aos vínculos, às perturbações, às incertezas, às andanças, às resistências, às análises de implicação.

No filme *Alice no País das Maravilhas* (ALICE ..., 2010), no momento em que Alice chega ao país das maravilhas, levam-na até a lagarta para responder o impasse em que todos se encontravam: essa era de fato a verdadeira Alice? A resposta da lagarta é: *Não totalmente*. Isso gera frustração nos presentes, pois já deduziam que não era a verdadeira Alice. Mas, a resposta da lagarta vai além do

¹⁶ Das questões surgidas no grupo de mulheres, no acolhimento, nas visitas, nos relatórios, no SCFV, na reunião de equipe, na gestão etc.

sim ou do *não* de uma vez por todas. Alice precisava se constituir Alice. Suas vivências produziram uma nova Alice a partir de cada encontro que ela teve ao longo de seu percurso. Assim, nos constituímos a cada tempo e momento, e as experiências nos serviços socioassistenciais, nas orientações, nas disciplinas me constituíram de outra forma. Uma forma que não parte sempre do zero, mas emerge das forças, que falam de um corpo consistente para fazer ainda mais conexões e produzir novas rotas e caminhos.

As experiências falam de um corpo tomado pela loucura, pela desrazão, pelo não sentido, por Alice que encontrei nesse caminhar, e fez (ainda faz) com que seja possível inverter a lógica do sentido convencional e olhar para a infância com novos olhares. É preciso passear junto com Alices, Coelhas, Chapeleiros, Lebres de Março, Tartarugas Falsas, Sorrisos sem gatos e tantos outros que nos deslocam e colocam questões em nosso modo de vida.

As perguntas, antes descabidas, como “um coelho de colete?”, devem ter espaço para emergir, as histórias menores, que costumam ficar de fora e acabam por ser desconsideradas, precisam emergir. E mais, elas emergem, e não cessarão de emergir. Porque a vida é diferenciação. É possível virar as costas para esses acontecimentos, para o sentido, para a experiência, viver uma experiência sobreimplicada, mas o sentido não cessará. O que se faz importante é permitir a passagem desses sentidos em nós. Ser psicólogo não é saber sobre o outro e lhe dar respostas afirmando que o saber-poder da psicologia é superior. Deleuze e Parnet (1998) dizem que:

A história da filosofia sempre foi o agente de poder na filosofia, e mesmo no pensamento. Ela desempenhou o papel de repressor: como você quer pensar sem ter lido Platão, Descartes, Kant e Heidegger, e o livro de fulano ou sicrano sobre eles? Uma formidável escola de intimidação que fabrica especialistas do pensamento, mas que também faz com que aqueles que ficam fora se ajustem ainda mais a essa especialidade da qual zombam. Uma imagem do pensamento, chamada filosofia, constituiu-se historicamente e impede perfeitamente as pessoas de pensarem (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 21).

Assim como a história da filosofia, a psicologia também pode ser repressora e fabricar especialistas que sabem sobre a mente, o corpo, as ações do outro e fazer com os que estão de fora achem que na autoridade do psicólogo há as respostas para suas questões. Não há. Mas, então, para que psicólogo?

Acho que seria mais interessante as experiências a que o psicólogo pode estar disponível a se abrir no contato com o outro, seja criança ou adulto. Na verdade, as experimentações e os devires que podem surgir nesse encontro. Na invenção de conceitos, na invenção de vida, na invenção de saúde. Não é dar respostas para que o outro, ou eu mesmo, seja feito de simulacro, cópias ruins de um ideal perfeito. Mas afirmar a criatividade da vida, das pessoas, dos encontros, deixar virem os sofrimentos, deixar virem os medos, deixar vir a raiva, deixar vir o que tiver que vir, e enfrentar, juntos, no encontro, transformando a partir da criação.

Uma vez, durante uma orientação do grupo RAIJ, fiquei responsável de levar apontamentos do texto junto com outro colega. Li o texto. Achei que tinha conseguido entender o começo e o final. Disse isso durante a orientação. Entender o começo e o final parece algo promissor. Mas não. O começo e o final importam menos, pois o que importa mais é o entre, e esse eu não havia entendido. Não havia entendido porque não me encontrava na mesma intensidade, queria aprisionar o texto e colocá-lo em tópicos que fossem muito bem explicados.

—*Eu poderia lhes contar minhas aventuras... começando por esta manhã, disse Alice um pouco tímida; —mas não adianta voltar a ontem, porque eu era uma pessoa diferente.*

—*Explique isso tudo, disse a Tartaruga Falsa.*

—*Não, não! Primeiro as aventuras! impacientou-se o Grifo. —Explicações tomam um tempo medonho.”*
(CARROLL, 2010, p. 117)

O entre são as experiências, as aventuras. É poder se lançar nessas vivências e mais do que explicá-las, vivê-las.

A análise dessas experiências não é um justificativa, uma desculpa, mas é exatamente a criação, a invenção, mostrar as linhas que compuseram essa vivência, as cartografias que foram se fazendo.

Nos diários, todas as vezes em que eu for me referir a algum integrante do grupo RAIJ (como estava no diário original), - pessoas que pesquisaram a AS junto comigo ao longo do tempo de graduação - citarei a Coelhoha. No conto de Alice de Carroll, o coelho é a primeira figura que inquieta Alice, que a faz levantar de supetão e segui-lo. Atrás do Coelho, Alice acaba por cair no buraco e por viver experiências

que nunca imaginou. As pessoas do grupo RAIJ fizeram isso junto comigo, principalmente as mulheres, por isso aqui é a Coelho.

Gostaria de dizer que este texto não tem a intenção de copiar os personagens de Carroll, não são como representações, Alice não é a Alice de Carroll, mas também é, o Coelho não é o Coelho de Carroll e também não são todas as pessoas do grupo RAIJ juntas, esses personagens são sempre o fora, o entre, como um Devir:

Os devires são geografia, são orientações, direções, entradas e saídas. Há um devir-mulher que não se confunde com as mulheres, com seu passado e seu futuro, e é preciso que as mulheres entrem nesse devir para sair de seu passado e de seu futuro, de sua história (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 10).

Outra personagem que preciso falar é sobre o Sorriso sem Gato, ele emerge enquanto acontecimento, enquanto sentido. O sentido enquanto um extra-ser, algo que ocorre para além dos movimentos dos corpos, que ocorre na sua fronteira.

Ainda existem outros personagens que aparecerão ao longo do texto, todos eles extrapolam suas histórias, pois as histórias não são só deles, nem de ninguém, mas de todos. Não a possuímos, mas elas passam e nos afetam. Contarei sobre cada um deles à medida em que forem aparecendo.

Capítulo 4 - Primeiros diários

4.1 - Caindo

Figura 1 - Colagem de Adriana Peliano sobre ilustração original de John Tenniel



Fonte: Carroll, 2015b, p. 16.

Por mais que eu procurasse, eu não encontrava em lugar algum os passos para fazer um diário.

Passo um: faça isso, passo dois: faça aquilo. Não tinha uma receita. Isso me desestabilizava. E nas aulas e nas orientações eu ouvia: “*Faça diário de campo, mas lembre-se: diário não é pessoal, não é igual quando você fazia diários quando criança*”.

Mas o que é um diário afinal de contas e como fazê-lo? Não havia passos a seguir, só caminhos a se criar, e criar não é muito fácil. Comecei a fazer os diários, fiz muitos. Em 2013, em 2014... Até hoje faço diários. E não se engane, esta dissertação é, na verdade, um diário dos diários.

Comecei fazendo diários imaginando que depois de muita prática poderia fazer um diário realmente bom. Eu buscava um modelo ideal de diário de campo, engraçado, não é!? A lógica dualista, causal, da cópia, era muito presente, ainda é. Por isso o desejo de passar por esses diários de novo, de olhá-los, de pensá-los e de cair neles. E de conseguir enxergar que a queda é um deslize. É um deslizamento na superfície, sem cortinas, ou nada a se descobrir. É olhar, olhar, olhar e ver e *desver*.

Sigamos.

Hoje nós fomos pela primeira vez no abrigo. Fomos para conhecer. Chegamos lá e fomos bem recebidos pela educadora que estava arrumando as coisas na casa e ficamos sentadas esperando a coordenadora chegar (Diário de Campo, Outubro de 2013).

Era tudo muito novo, um lugar novo, pessoas diferentes, mais que isso, modos de vidas muito diferentes dos que eu havia tido contato até aquele momento. Esperei para ver o que iria acontecer. Esses são os primeiros diários, ainda muito descritivos. Havia o estranhamento, mas não o de estranhar-se, de equivococar, e sim de ter o susto do primeiro contato com a diferença, só mais para frente é possível perceber que esse equívoco foi o dispositivo para passar a fazer perguntas, para dar conta dessa nova experiência.

Enquanto isso, vi duas menininhas na rampa, tinham uns dois anos cada uma, elas olhavam com olhares curiosos e eu e a Coelha convidamos elas para descer. Mas ficaram envergonhadas e não foram. Uma deu um tchauzinho e correu para o andar de cima.

Falei com a Coelha que elas eram muito fofas e deu muita pena nessa hora, pois eu vi aquelas crianças ali, sem ter uma dedicação exclusiva... por mais que o abrigo tivesse tudo, e elas fossem tratadas bem... não há referencial de mãe e pai. Não sei se é certo pensar assim, mas foi o que senti. Depois eu pensei que não deveria ter esse sentimento, porque no momento das atividades eu poderia ficar cheia de frescura com as crianças: "tadinhas, elas não têm família", "não tem mãe" (Diário de Campo, Outubro de 2013).

O sentimento, a ideia de “coitadinhas, essas crianças não têm mãe”, está calcado em certo modo de funcionamento do pensamento moderno que nos restringe exatamente a um eu individual, que não suporta a diferenciação e por isso leva aos julgamentos, aos “coitadismos”, pois a prática de pensamento estabelecida está no caminho dos simulacros, da idealização, dos parâmetros estabelecidos pelo capitalismo para alcançar a felicidade. E essa felicidade só pode ser alcançada através de um modelo de cuidado, que mais controla e vigia do que cuida. Aqui não cabe dizer se eram coitados ou não, não é a mudança de concepção, é exatamente a prática do pensamento que precisa emergir em outra ordem. Abalos no corpo, na experiência, na vivência, vamos entrando em choques para a emergência dessa nova prática.

É uma abertura que depende da capacidade de suportarmos o fato de que não somos apenas um corpo que funciona isoladamente, uma individualidade igual a si mesma - em suma, uma identidade na qual nos reconhecemos - , mas que para além dessa individualidade somos também um permanente processo de subjetivação, um permanente devir-outro, em que mudam os contornos do campo em que nos reconhecemos. Em outras palavras, é uma abertura que depende de suportarmos o caos, próprio da dimensão invisível da alteridade; de suportarmos a violência das diferenças que aí se engendram, sem associá-la ao perigo de desintegração, de modo que o caos deixe de ser tão aterrador. Ora, é da perspectiva de uma subjetividade restrita a um eu (sua dimensão visível) que o caos, a alteridade, a diferença são vividos como portadores de desintegração: assim, a abertura que estaria se operando na subjetividade é na direção de um aquém e um além do eu. Mas como a realidade nessa dimensão é invisível, o abrir-se para ela implica necessariamente uma abertura também no campo do pensamento, de forma a conquistar um acesso ao invisível: mais do que simplesmente uma mudança de concepção, faz-se necessária a conquista de um outro tipo de prática do pensamento (ROLNIK, 1995, p. 5).

Depois, pensando sobre a vinculação, entendemos que ela não dá espaço para ter “piedades”, ela permite a conversa sem melindres, sem rodeios. Nesse momento, no início do trabalho de campo, o diário vem carregado de surpresas, pois não havia vivido nada disso antes (então o que tinha de sobra eram estereótipos, concepções vindas de certas forças que constroem mundos na maioria das vezes distantes, idealizados, sem vinculações, forças medrosas e melindrosas), aparecem, então, visões pré-concebidas fora da experiência, sem corpo disponível.

Hoje a “opinião” relacionada à pena pode ser problematizada. Aquele abrigo foi um lugar de vinculação, as crianças não estavam em um limbo afetivo esperando

o ideal perfeito de mãe chegar e cuidar delas, elas se vinculavam entre elas, entre as cuidadoras, com os brinquedos, com o espaço, com as psicólogas, conosco.

E então, todo esse sentimento (de pena), passou... (Diário de Campo, Outubro de 2013).

Não, não havia passado. Não adianta muito colocar as impressões de lado, fingir que foram só naquele momento, é importante no trabalho do pesquisador esse debruçar-se sobre os sentimentos (emoções e impressões), analisá-los, pensá-los. Então, o trabalho de formiguinha¹⁷ de voltar-se para esses diários, pois, “*voltar-se para, não implica somente se desviar mas enfrentar, voltar-se, retornar a perder-se, apagar-se*” (DELEUZE; GUATTARI, 2010 p. 49). Enfrentar: todas essas impressões que vêm carregadas de pré-conceito, e que se baseiam em respostas muito ligeiras e ‘fáceis’ do cotidiano; voltar-se e retornar: para essa experiência do vivido (voltar-se para os diários, retornar às memórias), perder-se: será que todos esses diários foram em vão? Eu não fiz ‘certo’? Quando é que eles começaram a valer?

Os diários são exatamente o que evidenciam os aprendizados, evidenciam o vivido, do modo como foi vivido. Claro que o diário não era para ser feito de qualquer modo, os primeiros diários são muito descritivos e são intimistas, ignoram questões importantes, mas eles evidenciam esse processo de formação. Os que vêm depois não são os certos, mas há sim maior consistência. Esses foram os primeiros, e

¹⁷ Um trabalho de formiguinha é aquele que se faz olhando para o menor, colocando uma lupa sobre as experiências, não buscando algo que está encoberto nela, mas sim os contornos, seus traçados, seus desvios, suas curvas e descaminhos. Manoel de Barros escreveu:

Mosca dependurada na beira de um ralo-
 Acho mais importante do que uma jóia pendente.
 Os pequenos invólucros para múmias de passarinhos que os antigos egípcios faziam
 Acho mais importante do que o sarcófago de Tutancâmon.
 O homem que deixou a vida por se sentir um esgoto
 Acho mais importante do que uma Usina Nuclear.
 Aliás, o cu de uma formiga é também muito mais importante do que uma Usina Nuclear.
 As coisas que não têm dimensões são muito importantes.
 Assim, o pássaro tu-you-you é mais importante por seus pronomes do que por seu tamanho de crescer.
 É no ínfimo que eu vejo a exuberância (BARROS, 1997, p. 55).

O trabalho de formiguinha tem essa importância, do ínfimo, do menor.

tiveram os próximos. Escrever é produzir realidade, então, esse também é um diário sobre o qual é preciso debruçar-se, e depois sobre os outros, e escrever (produzir novas realidades).

Sobre o diário, é desafiador expor seu processo de construção desde o começo. Algumas descrições e opiniões causam desconforto e vergonha. Compreender que o corpo-pesquisador foi se compondo com o que tinha de ferramentas no processo é importante para superar também esses sentimentos, sem fazer com que os diários se apresentem como fragmentos selecionados e descartáveis. Em seus diários, que permaneceram em segredo durante muito tempo, Malinowski¹⁸ escreveu de forma íntima suas preocupações com sua saúde, trouxe uma série de impressões não tão elogiosas aos nativos das terras onde realizou sua etnografia, falou sobre solidão, encontros, sons, maus-cheiros... Suas visões científicas em relação ao diário de campo e à pesquisa não são as mesmas que as minhas, mas trazer esses relatos em seu diário foi importante para problematizar esse lugar do pesquisador no campo de pesquisa. Não se começa fazendo diários compreendendo totalmente como ele se dá, é muito mais uma processualidade, uma incorporação, do que qualquer outra coisa. Desse modo não há do que se envergonhar, pois esses diários compõem o processo de transformar-se. A principal questão com que teremos que nos haver é: não se recusar a colocar em análise esses sentimentos, essas percepções, mas os incômodos trazidos do campo devem ser expostos, pois são o que movem uma pesquisa, colocá-los em análise é o próprio pesquisar, é torna-se pesquisador.

Uma das meninas era Maria¹⁹, ela desceu a rampa e ficou atrás do sofá cantando a música dos polegares, e no fim cantamos juntas.

Reparei na atitude da educadora com as duas meninas menores. Primeiro em relação a Maria, que passou de banho tomado perto dela, aí a educadora disse com aquelas vozes que se falam com bebês: "Tá cheirosa!?" E sorriu. Maria falou algo

¹⁸ Alguns diários e o modo de etnografia feitos por Malinowski são problematizados por Lourau (2004) no livro *Analista Institucional em tempo Integral*.

¹⁹ Todos os nomes que aparecem nos diários são aqui inventados. Não diremos fictícios porque suas histórias são reais, muito reais, quer dizer, são vivas, são sentidas por elas e por nós. A invenção dos nomes é também uma tentativa de invenção de mais vidas e experiências que com aquelas agenciarem-se.

meio embolado e acenou com a cabeça concordando com ela. A educadora a abraçou, brincou com sua barriga e deu um cheiro no pescoço dela. (Diário de Campo, Outubro de 2013).

Somente a descrição não consegue trazer quais eram os inúmeros elementos que emergiram dessa cena. Só a descrição empobrece todos os sentidos que ocorreram nesse momento. Mesmo com a descrição que empobrece, assim que leio, lembro e resgato muito dos sentidos que emergiram, enquanto vivia essa cena e quando a trouxe como questionamento no grupo de pesquisa, e por quê?

Bom, vamos fazendo um rápido exercício: O que vem à mente quando se fala Acolhimento Institucional?

Sem muito esforço é possível dizer o seguinte: todas as vezes que eu dizia que fazia estágio em um Acolhimento Institucional, primeiro as pessoas perguntavam do se tratava esse tal Acolhimento Institucional e depois, quando descobriam que era um abrigo para crianças, o semblante de pena era o mesmo e as afirmações também: “Tadinha das crianças”, “eu não teria estômago para trabalhar com isso”, “é muito sofrimento”...

A pena, relacionada às crianças abrigadas, não era só minha. Ela estava/está estabelecida no imaginário de toda uma sociedade.

A imagem do abrigo é ruim para a maioria das pessoas. Por isso, a ideia de que as crianças não devem levar nada de lá é reforçada, como se fosse um lugar a ser esquecido. Anos de grupo para falar sobre as vinculações produzidas nesses espaços, anos de grupo até para que eu pudesse enxergar essas vinculações, que já se apresentavam diante dos meus olhos, desde o primeiro dia.

E o que eu esperava encontrar lá afinal de contas? Um monte de criança amontoada, com escassez de tudo: recursos materiais, alimentação e afeto? Psicologicamente problemáticas, em comparação com as que vivem nas famílias ditas estruturadas?

Bom, parece que infelizmente sim. Mas o que eu encontrei logo de cara foi: vinculação entre pessoas. E por que ainda assim era difícil de enxergar? Como é importante o olhar de formiga, o tatear as cenas vividas para perceber o contexto, mesmo que ele esteja diante dos nossos olhos. Os discursos impregnam, é difícil

mudar o discurso, é difícil colocar o homem da ética para fora. Os discursos produzem realidade, então a criança ser coitada era mais forte do que a cena diante dos meus olhos, esse discurso produziu realidade e a realidade era: crianças abrigadas coitadas.

Depois a outra menininha fez bagunça nos chinelos que estavam na rampa, então a educadora falou brava para parar de bagunçar: "Põe o chinelo aqui!", ordenou. A criança colocou e saiu meio chorosa (Diário de Campo, Outubro de 2013).

E aqui, nessa cena? O que eu esperava? A educadora podia falar assim com uma criança que não era filha dela? Com uma coitada, sem pai e mãe?

O discurso do coitadismo se mantinha. E com ele, uma visão totalmente romântica, pois está inserido nessa percepção que não é permitido falar o que tem que ser falado. A ideia era de que havia famílias estruturadas, perfeitas, inteiras, o que para essas crianças coitadas estava vetado, então tais crianças estariam sujeitas a todos os infortúnios da vida, por isso era necessário que o modo de falar também fosse polido. Aí está o perigo, pois além de não enxergar o que está se passando, rende-se ao ímpeto de não dizer, portanto não viver, não vincular.

O que é importante se atentar é que nas duas situações, tanto a do beijo depois do banho quanto a da chamada de atenção à bagunça do chinelo, havia afetos (afetar e ser afetado). Porque ali se produzia vida, experiência, e nesses afetos cabem as duas situações.

É preciso ver que o trabalho também é envolto por afetos, na verdade é povoado deles. São práticas de cuidado, de estar disponível e atento. É um investimento subjetivo-afetivo-cognitivo, uma atuação (Varela, 2003) viva e encarnada na experiência.

Estar em um acolhimento institucional não significava estar em um espaço de não-vinculação, na qual os trabalhadores e as crianças tinham que se comportar como autômatos. Como conviver dia a dia, nas situações mais banais do cotidiano e não se vincular? Não ser afetado e afetar? Impossível. E por quê ainda assim levantar muros para tentar barrar esses afetos?

O que dizem é que as crianças precisam deixar tudo para trás depois que saem do abrigo para serem adotadas, dependendo da idade podem até lhe dar outro nome (Diário de Campo, Outubro de 2013).

Como sair de um lugar em que se viveu durante anos (ainda que fosse uma semana) sem deixar nenhum rastro e sem levar marcas? Ser obrigado a deixar roupas, brinquedos, pessoas... Ter que abandonar até o próprio nome? O ideal da família perfeita burguesa deixa de fora coisas demais. As memórias falam de linhas, de modos de fazer... como apagar memórias? Com a força do pensamento? Injetando informações novas? Memórias contam histórias, apagá-las não é uma opção, construir caminhos novos sim.

Se há uma história, se o homem é um ser histórico é só porque existe uma infância do homem, é porque ele deve se apropriar da linguagem. Se assim não fosse, o homem seria natureza e não história. E aqui reside a possibilidade de saber, quer dizer, de vivendo a história e de recontando essa história construir um saber coletivo que extrapola a mera justaposição de informações (KRAMER, s.d., p. 249).

Forçar um esquecimento, barrar os afetos é uma forma de violência, as histórias dão condição de possibilidade de se afetar ainda mais, não parar de produzir agenciamentos.

Ainda que o ideal burguês tente parar/barrar afetos, eles saltam os muros, passam pelas frestas, e em um ambiente tão estigmatizado como um abrigo, circulam por todos os lados. Há paixões! E paixões não são uma doce história de amor. Despret (2004) fala que a paixão é a ativação de “um sujeito das perguntas” (p. 131), um sujeito que produz problemas e que, com eles, inventa novas entradas para transformações. Paixões que se traduzem em um esforço para que nós nos tornemos sujeitos interessados, para que nos importemos, pois quando essas paixões se tornam des-paixões, tudo é muito fugaz, não há o esforço para o interesse, acontecem articulações malfeitas e o mundo se torna mais empobrecido (DESPRET, 2004). Por isso as paixões são tão importantes e era possível ver os agenciamentos apaixonados que se faziam a todo momento no acolhimento, tanto com abraços como com puxões de orelha.

4.2 - Multiplicidade

Figura 2 - Colagem de Adriana Peliano sobre ilustração original de John Tenniel



Fonte: Carroll, 2015b, p. 8.

Hoje o abrigo estava mais cheio e eu estava mais cansada.

Chegamos lá e descobrimos que na sexta às 16:00 horas era dia de visita dos familiares, por isso tinha tanta gente.

Vi os pais dos quatro irmãos que estavam no Acolhimento Institucional. Na última vez que viemos, a coordenadora disse que eles estavam lá por negligência da família, que o pai mantinha as crianças em cárcere privado, era matador de aluguel e havia colocado lajota nas janelas da casa onde eles viviam, que nessa dinâmica, o mais velho tinha que cuidar dos outros três irmãos e a mãe tinha alguma doença mental. Disse que no dia em que elas foram abrigadas foi um sufoco, pois o conselho tutelar deveria levá-los para outra instituição, mas como estava lotada houve uma quebra de requisito e elas foram direto para esse abrigo. Então elas chegaram sem aviso prévio, não tinha cama, nem roupa para os meninos, pois esse abrigo era só de meninas.

Ela relatou a visão dela sobre mudança das crianças, principalmente do mais velho, pois como ele cuidava dos outros irmãos, todos ficavam grudados nele, mas que as educadoras começaram a fazer um trabalho com ele de que lá no abrigo ele não estava nessa posição de cuidador mas sim para ser cuidado.

Em uma conversa que tive com o José, um dos irmãos, ele disse que sairia dali (do abrigo) daqui a um mês, eu perguntei à coordenadora sobre isso e ela disse que ele sempre fala isso pois o pai diz que vai buscá-los logo.

No fim da visita, eu ouvi o pai dizer: “semana que vem a gente vem buscar vocês” e reforçou para o mais velho, João: “cuide dos seus irmãos”, eu não tive a oportunidade de conversar com eles. Durante a visita, as crianças ficaram livres, brincavam com ele mas sem ficarem grudadas, no momento em que ele foi embora a mais nova chorou, mas logo depois dormiu.

Teve um momento em que uma mãe (que ao que aparentava gozava muito bem das suas faculdades mentais, diferente do que a coordenadora disse) indo embora, virou-se para uma das crianças que não tinha recebido visita e perguntou: “Você não tem mãe não?” A criança respondeu tranquila sem parar o que estava fazendo, uma tranquilidade que eu mesma não tive ao ouvir essa pergunta, “Tenho, mas ela não tem minha guarda”. Fiquei tensa com a pergunta, e a menina reagiu muito melhor do que eu. Para mim, até o momento, essa pergunta era proibida, principalmente para ser feita diretamente à criança. Eu só pensava assustada: Nossa, ela entende minimamente o motivo de estar aqui, e parece que leva isso numa boa, não se comove, nem cai em lágrimas ao falar nisso (Diário de Campo, Outubro de 2013).

Por que era uma pergunta proibida? Só o fato dela ser proibida já revela pelo menos duas coisas, a primeira é que falamos pouco sobre as circunstâncias que nos rodeiam. Aquele era um abrigo, o motivo principal das crianças estarem lá não era a negligência da família (podia conter esse motivo também), mas eram as relações familiares que são colocadas como corretas ou incorretas, e a pergunta proibida era exatamente sobre essa relação. Como poderia ter alguma possibilidade de resposta, ou de pensamento, ou de feitura de outras perguntas, se essa, tão simples e ao mesmo tempo complexa, não poderia ser feita? A segunda coisa era: as crianças colocadas de lado em relação à sua própria existência (de direitos, de pensamento, de ação). A pergunta podia ser proibida, mas ela era ainda mais proibida para a criança.

E por que pensar que ela deveria cair em lágrimas ao falar sobre a situação da guarda dela? Aquela menina deveria estar lá há pelo menos dois anos. Pensando sobre as vinculações, o abrigo não era um local terrível, do qual ela nunca deveria se lembrar, ela morava ali, vivia parte grande da sua vida ali. Era para cair em

lágrimas? O abrigo tinha vida, vida que estava sendo censurada pela reprodução de pensamentos hegemônicos.

E essa foi a primeira vez que me dei conta da existência de Alice, de sua potência e do incômodo que me causava.

"O jogo está bem melhor agora", disse, para alimentar um pouco a conversa.

"É mesmo" concordou a duquesa, "e a moral disso é... 'Oh, é o amor, é o amor que faz o mundo girar.'"

"Alguém disse," Alice murmurou, "que ele gira quando cada um trata do que é da sua conta."

"Ah, bem! O significado é quase o mesmo", disse a duquesa, fincando o queixinho pontudo no ombro de Alice enquanto acrescentava: "E a moral disto é..." [...]

"Como gosta de achar moral nas coisas!" Alice pensou consigo mesma (CARROLL, 2015b, p. 103).

Precisamos falar sobre moral e ética, para compreender esse primeiro incômodo que Alice me causou através da fala da criança citada no último diário. Mas antes, preciso falar de poder e potência.

O poder, segundo Deleuze (2002) quer se apropriar, de modo que domine a potência do outro, ele afasta qualquer um do que pode vir a ser. Transferir nossa potência a outro, achar que ele poderá de alguma forma solucionar nossos problemas é tornar-se subordinado. Essa transferência de potência, que domina, não faz gerar no dominador mais potência, pelo contrário, ele estará administrando dor e tristeza, pois o poder é isso. O poder constrói muros para tentar impedir a potência, nossa capacidade de diferir-se. As paixões tristes, como Despret (2002) diz, geram mundos empobrecidos, com menos criação, desse modo o afeto mostra o quanto o poder é impotente, pois se ele é tristeza, quanto mais poder, menos criação, menos possibilidades e mais desejo de mais poder, ou seja, de mais tristeza.

Só quem está imerso a essa paralisação, a essa impotência, deseja o poder. É difícil sustentar a potência do outro, então o investimento é em mais tristeza para tentar dominar a potência, o investimento é em mais poder, fazendo isso através de acusações e culpa.

Limitar a potência pode facilmente resultar em ressentimento, e a relação de servidão ao ressentimento torna o poder ainda mais atraente, pois ele necessita de dominar por ter medo de ser dominado.

Assim, se o poder tenta aprisionar a potência e não quer lidar com ela (por isso tenta a todo custo limitá-la), a moral é exatamente o investimento dessa limitação da potência e a manutenção dessa relação de servidão. O moralista tem sérias dificuldades de lidar com o caos, tenta reduzir o sentido e a criação do novo a todo custo através de uma relação panóptica²⁰.

Como assim panóptica?

Foucault (1997) diz que o “*século XIX fundou a idade do panoptismo*”. A constituição do homem moderno se deu por meio de diversos mecanismos de subjetivação²¹, pensados para garantir que certo projeto de modernidade não se desviasse e se concretizasse. Alguns desses mecanismos são a família nuclear, a escola, o exército, o hospital e quando todos esses anteriores falham, ainda existem as prisões. Foucault vai mostrando como vamos constituindo uma sociedade panóptica para vigiar mais e melhor, pois o modelo do panóptico, que é uma arquitetura, mas que vai além dela, vai deixando para trás os modelos das masmorras escuras e vai lançando luzes para que tudo se torne cada vez mais transparente, assim tudo é visto, tudo pode ser vigiado. Como num zoológico, tudo exposto, mas dentro de um enquadramento.

[...] o princípio da masmorra é invertido; ou antes, de suas três funções — trancar, privar de luz e esconder — só se conserva a primeira e

²⁰ “O Panóptico de Bentham é a figura arquitetural dessa composição. O princípio é conhecido: na periferia uma construção em anel; no centro, uma torre; esta é vazada de largas janelas que se abrem sobre a face interna do anel; a construção periférica é dividida em celas, cada uma atravessando toda a espessura da construção; elas têm duas janelas, uma para o interior, correspondendo às janelas da torre; outra, que dá para o exterior, permite que a luz atravesse a cela de lado a lado. Basta então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar. Pelo efeito da contraluz, pode-se perceber da torre, recortando-se exatamente sobre a claridade, as pequenas silhuetas cativas nas celas da periferia. Tantas jaulas, tantos pequenos teatros, em que cada ator está sozinho, perfeitamente individualizado e constantemente visível” (FOUCAULT, 1999, p. 165-166).

²¹ “O objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não pré-existe a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações” (FOUCAULT, 1987, p. 51). Nos processos de subjetivação entendemos que a subjetividade é exercida em processualidade, dentro de um plano histórico-político e como efeito desse plano a forma sujeito emerge. Desse modo, não há essência na forma, mas sim complexas relações que vão sendo construídas.

suprimem-se as outras duas. A plena luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha (FOUCAULT, 2002, p. 166).

Essa transparência é um mecanismo, uma estratégia do poder, desse modo, é possível observar e controlar, e como consequência, punir aquele ou aquilo que não se enquadrar aos modelos. O panoptismo é utilizado cada vez que é necessário controlar as multiplicidades, capturando os devires em alunos, trabalhadores, pacientes, prisioneiros etc. O poder vai capturando para colocar tudo aos seus serviços. Utiliza-se do discurso de melhoria, por exemplo: vigiado, o aluno estuda melhor e não se distrai, os trabalhadores trabalham melhor, não fazem greve e produzem mais. As multiplicidades e a potência das trocas de afetos dão lugar a múltiplas individualidades, e o poder será agora medido em relação ao quanto de vigilância se exerce.

Assim, a pergunta proibida para a menina, é proibida exatamente porque não se deve sentir/pensar as multiplicidades familiares, com uma condição diferente dos mecanismos utilizados na modernidade. Pois a simples possibilidade de questionar e de se viver em uma família que foge aos padrões nucleares causa ameaça ao poder, que se estabelece nas relações de tristeza e domínio. A pergunta é proibida porque afronta o poder, afronta a moral. É aí que Alice me afronta: “Como gosta de achar moral nas coisas!” (CARROLL, 2015b, p. 103).

Encontrar moral em tudo é então aprisionar o outro, impedindo sua potência de vir a ser, limitar a invenção de modos de existir. Por isso, é importante perceber como a dimensão ética é exatamente criar passagens para que essas perguntas emerjam, para que a pergunta da criança seja possível e para que as respostas sejam transitórias.

É importante não se deixar dominar por paixões tristes que estão a serviço do poder, mas compor com o que nos rodeia, constituindo um corpo²² ainda mais

²² “Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um corpus linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Entendemos por longitude de um corpo qualquer conjunto das relações de velocidade e de lentidão, de repouso e de movimento, entre partículas que o compõem desse ponto de vista, isto é, entre elementos não formados. Entendemos por latitude o conjunto dos afetos que preenchem um corpo a cada momento, isto é, os estados intensivos de uma força anônima (força de existir, poder de ser afetado). Estabelecemos assim a cartografia de um corpo. O conjunto das longitudes e das latitudes constitui a Natureza, o plano de imanência ou de consistência, sempre variável, e que não cessa de

potente. A alegria, que é passar desse estado de tristeza, de domínio, é então essa composição, esse agenciamento. É uma maneira de complexificação do corpo, quanto mais potência, mais agenciamentos e mais e mais e mais. E não há um fim a se chegar, ou um modelo a se alcançar, cada agenciamento será perfeito dentro das suas possibilidades. Desse modo, não falta visão para alguém que é cego, pois só existe falta quando comparamos com outros corpos, assim como para aquela criança não falta família a não ser que seja comparada a outra família que é nuclear. Os agenciamentos que ela fez ali são os que aconteceram no que foi possível, e o que eu podia ver é que havia afetações muito mais interessantes, já que encontravam passagens para mais agenciamentos.

4.3 - Tartaruga Falsa

Figura 3 - Colagem de Adriana Peliano sobre ilustração original de John Tenniel



Fonte: Carroll, 2015b, p. 112.

ser remanejado, composto, recomposto, pelo indivíduos e pelas coletividades” (DELEUZE, 2002, p. 132-133).

A tartaruga falsa não é falsa no sentido de ser enganadora, não. Ela é falsa porque querem que ela seja uma tartaruga e a obrigam a carregar nas costas um casco que não é dela.

Hoje, a Tartaruga Falsa estava lá, o abrigo é diferente quando ela está. Tenho a sensação de que ela move o abrigo, principalmente no quesito vigilância. Todos têm um mesmo discurso sobre ela: “a Tartaruga Falsa é difícil”. Eu acho que ela é desafiadora, por isso o que se diz e fala em relação a ela é tão alarmante.

Primeira fala: A coordenadora disse para avisar quando levarmos alguma atividade, pois ela vai arrumar outra coisa para a Tartaruga Falsa fazer, ou seja, ela não vai participar das atividades. O motivo, segundo a coordenadora, é que ela não faz direito as atividades e atrapalha as outras crianças a fazer: “Ela não sabe fazer e não quer que ninguém mais faça”.

Segunda fala: Uma voluntária (o trabalho da instituição é realizado por uma OSCIP – Organização da Sociedade Civil de Interesse Público, e em 2013 era ligada a uma organização religiosa – Fé e Alegria, por isso havia voluntários da igreja semanalmente) que ia brincar com as crianças regularmente disse que a Tartaruga era o “Bicho papão da casa”. Em um momento ela a chamou e disse: “Tartaruga, eu sei que você é difícil, às vezes pisa na bola, mas você vai fazer isso pra tia! Joga esse copo no lixo pra mim?” A Tartaruga revirou os olhos, pegou o copo e jogou no lixo.

As crianças brincam muito entre si, mas a Tartaruga geralmente brinca sozinha, todas as crianças dormem juntas (meninas num quarto e meninos no outro), mas ela tem um quarto só pra ela. Vez ou outra ela fica olhando as crianças brincarem, mas parece que não tem espaço pra ela. O que parece é que ela incorpora os discursos que existem dela em sua vivência (**discurso produzindo realidade**). A Tartaruga diz que não brinca com as meninas porque elas são doidas, têm problema: “Elas são ruins” (Diário de Campo, Novembro de 2013).

A Tartaruga Falsa reproduzia o que ouvia dela mesma em relação às outras crianças, enquanto ela era produzida como uma tartaruga, com seus cascos firmes nas costas. Os discursos que estavam circulando não podiam ser assumidos (por todos, inclusive por nós, pesquisadores) assim tão rapidamente. Discursos como “A tartaruga é o bicho papão da casa” são rasos e precisamos fazer uma análise para compreender tais discursos.

O institucionalismo, segundo Barembliitt (2002), entende a sociedade como uma rede de instituições que vão se interpenetrando. Instituições

são árvores de composições lógicas que, segundo a forma e o grau de formalização que adotem, podem ser leis, podem ser normas e, quando não estão

enunciadas de maneira manifesta, podem ser hábitos ou regularidades de comportamentos (BAREMBLITT, 2002, p. 25).

Essa lógica faz um regulação das atividades humanas, coloca valor sobre essas atividades, dita o que pode ou não pode ser feito, e como deve ser feito. Barembritt (2002) dá o exemplo da linguagem enquanto instituição, pois ela tem suas regras gramaticais, regras que vão dizer das combinações corretas, de acordos, para que haja uma comunicação geral, universal, e para que seja reproduzida e aplicada. Existe também mais um ponto importante, que acontece em todas as instituições, que são as premiações e as punições por bom ou mal uso (valores) dessa lógica.

Seguindo essa lógica da instituição, há duas vertentes a se considerar, uma é o instituinte e a outra o instituído. Vamos chamá-las de forças. As instituições podem estar bem consolidadas em suas regras e funcionamento mas, antes que isso aconteça, qualquer instituição precisou ser criada. Como vimos nos capítulos anteriores, as coisas não existem em essência, mas sim a partir de uma constituição. A força do instituinte é a da criação de algo novo e sua transformação.

Essa produção da novidade ou de suas transformações resulta em um produto, novas regras, novos modos, outro resultado, que também diz de uma força de manutenção, de estabilização, que é o instituído. “O instituído é o efeito da atividade instituinte” (BAREMBLITT, 2002, p. 32). Um suporta o diferente, o dinâmico, e o outro caracteriza o estável²³.

É importante que falemos das instituições, pois há tendências históricas viciosas que fazem com que essa relação instituinte e instituído seja, primeiramente, dicotomizada em forças opostas e, depois, que tais forças sejam barradas em sua

²³ “[...] é evidente que o instituído cumpre um papel histórico importante, porque as leis criadas, as normas constituídas ou os hábitos, os padrões, vigoram para regular as atividades sociais, essenciais à vida da sociedade. Mas acontece que essa vida é um processo essencialmente cambiante, mutante; então, para que os instituídos sejam funcionais na vida social, eles têm de estar acompanhando a transformação da vida social mesma para produzir cada vez mais novos instituídos que sejam apropriados aos novos estados sociais. Tem-se que evitar uma leitura do tipo maniqueísta, que pensa que o instituinte é bom e o instituído é ruim, embora seja verdade que o instituído apresenta, por natureza, uma tendência à resistência, uma disposição que se poderia chamar a persistir em seu ser, a não mudar, que quando se exacerba, se exagera, se conhece politicamente pelo nome de conservadorismo, reacionarismo. Pelo contrário, o instituinte aparece como atividade revolucionária, criativa, transformadora por excelência. Na realidade, não é exatamente assim, porque o instituinte careceria completamente de sentido se não se plasmasse, se não se materializasse nos instituídos.” (BAREMBLITT, 2002, p. 29)

ação e relação. Tais tendências são: os processos de exploração, que fazem uns se apropriarem da potência produtiva de outros; de dominação, que é a vontade de alguns prevalecendo sobre a de outros ou do coletivo; e a mistificação, que é “[...] uma administração arbitrária ou deformada do que se considera saber e verdade histórica, que é substituída por diversas formas de mentira, engano, ilusão [...]” (BAREMBLITT, 2002, p. 32). Desse modo, as instituições têm uma função política de reforçar as tendências viciosas. Mas é difícil enxergar essa função da instituição, pois seus modos de fazer se tornam naturais, como se fosse sempre assim. Quais as histórias das instituições? Não se sabe, ou se omite, ou se conta apenas uma das várias histórias. Parece que elas sempre foram e sempre serão assim, a-históricas e essenciais.

Como o instituinte cria o funcionamento da instituição, dizemos que é sempre revolucionário, pois pode fundar e transformar, ele produz. Mas, em sua função, a instituição tende a se cristalizar rapidamente, com o instituído organizando e servindo ao modelo histórico vicioso, uma vez que força a manutenção da instituição. Desse modo, há a reprodução das práticas sociais, há a tentativa de sempre fazer o mesmo, de perpetuar o que está cristalizado.

As falas sobre a Tartaruga são discursos (práticas sociais) reproduzidos, que reforçam um imaginário de um saber Psi que serve para padronizar pessoas, e a Tartaruga era totalmente encaixada nele: a louca. Falavam dela como se ela fosse uma retardada que não entendia nada, e a puniam como se ela entendesse tudo. Era uma contradição.

Os prêmios que a instituição oferecia nunca iam para a Tartaruga, as punições sim.

“São três faltas, Kitty, e você não foi castigada por nenhuma delas. Sabe que estou acumulando todos os seus castigos para daqui a duas quartas-feiras... Imagine se tivessem acumulado todos os meus castigos!” ela continuou, mais para si mesma que para a gatinha. “Qual seria o resultado no fim de um ano? Seria mandada para a prisão, suponho, quando o dia chegasse” (CAROLL, 2015a, p. 17).

Os castigos da Tartaruga não tinham dia para serem aplicados, toda hora era hora de afirmar sua loucura, de dizer como não se encaixava, de como não tinha

capacidade. Ela, então, fez seu papel, encarnou o discurso, tornou-se louca: mordida todo mundo, batia quando lhe convinha, jogava tudo para o alto quando contrariada.

Quantas vezes não reproduzimos discursos, sem fazer análise de implicação? A reprodução de um discurso não é algo inofensivo. Ele faz manter uma lógica exploradora, dominadora e mistificadora, que encabresta pessoas e as reduz.

Mas a Tartaruga tinha uma história de vida de enfrentamento, de andarilha, de sobrevivente, de resistência diante de oportunidades (ou falta delas) que lhe foram dadas (ou não dadas). Diante de tudo ainda havia vida, vida marcada, mas marcas que no geral preferimos que não apareçam, pois elas revelam o que não se quer ver. Por isso era melhor tratá-la como louca, como problemática, era mais fácil.

Depois de dois anos tive notícia da Tartaruga. Ela mudou de abrigo quando fez 13 anos. Uma das Coelhas me disse: “Tartaruga Falsa não é mais tartaruga”. Nesse novo espaço, ela não tinha a fama de louca, brincava entre as meninas, não era retirada das brincadeiras. Outro modo de experimentar a vida, sem ter que levar para todos os lados um rótulo enorme como uma corcunda. Largou o casco que não a pertencia e viram que ela era uma Lebre.

4.4 - Façam-me louca

Figura 4 - Colagem de Adriana Peliano sobre ilustração original de John Tenniel



Fonte: Carroll, 2015b, p. 83.

Com a chegada da coordenadora, fomos até sua sala acompanhados pela psicóloga do espaço para nos apresentarmos e apresentarmos a proposta de pesquisa. Ela se mostrou bem interessada, e falou também das dificuldades de trazer uma gestão nova articulada com a rede. Contou o caso de uma menina da

casa, de nove anos, que chegou à escola e pouquíssimo tempo depois foi pedido que alguém a buscasse. Motivo: muita euforia ao entrar na sala de aula. “Que rede é essa?”, ela se perguntava, “se fosse outra criança, de uma família, numa situação normal, ela seria mandada de volta para casa? Eles pensam que é assim só porque ela é uma criança institucionalizada?” (Diário de Campo, outubro de 2013).

“Naquela direção, explicou o gato[...], vive um Chapeleiro; e naquela direção [...] vive uma Lebre de Março. Visite qual deles quiser: os dois são loucos.

Mas não quero me meter com gente louca, Alice observou.

Oh! É inevitável, disse o Gato, somos todos loucos aqui. Eu sou louco. Você é louca.

Como você sabe que sou louca? Perguntou Alice.

Só pode ser, respondeu o Gato, ou não teria vindo parar aqui”. (CARROLL, 2015b, p. 73)

Não quero me meter com gente louca, mas eu corri atrás das Coelhas, caí no buraco e, se estou aqui, com certeza sou louca. O mundo é o solo em que pisamos, a loucura nos perpassa, podemos não querer nos meter com essa gente louca, mas já estamos nos metendo, porque está em nós também. Aqui a loucura é o não sentido, a lógica que subverte a lógica estabelecida. A Literatura de Carrol é absurda? Nós também somos.

Somos absurdos de modos distintos. (1) Podemos ser absurdos vivendo como se a loucura fosse algo distante, servos do poder que imprime moldes de vida, segurando com toda a força a porta que a potência e a inventividade querem chutar. É ser absurdo, sem querer ser; (2) podemos ser absurdos chutando a porta ainda que o poder tranque-a, podemos inventar, diminuir e aumentar, passar pelas frestas, ou ainda desistir de chutar a porta e entrar na próxima, ou ficar de fora mesmo, ou de dentro. Bom, tudo o que se faz vem da potência e do agenciamento.

De qualquer modo seremos loucos, mas não é a mesma loucura. Elas têm efeitos completamente distintos. Mas, veja, não há como dizer: estou na primeira loucura, ou na segunda. Quando você se der conta, está capturado na primeira, quando se der conta de novo, está chutando uma porta. Consideramos que existem traços mais fortes de uma ou outra em nós, não porque eles acontecem naturalmente, mas sim através da atitude de presença nos devires, que nos demanda um esforço. Ninguém tem só paixões alegres e que só aumentam nossa

potência, somos capturados volta e meia pelo poder e fazemos essas conexões que nos deixam mais fracos e tristes.

Nós queríamos apostar nas paixões alegres, nos esforçamos para criá-las, para não cair em generalizações, para fazermos análise de implicação nas instituições que nos constituem. Não quero aqui manter as aparências e afirmar que eu estava sempre fazendo isso, não. Alguns diários mostram bem o contrário... Assim como um diário vai se dando no processo, de aprender, de fazer outros agenciamentos, foi o que tentei, mesmo que ainda tateando, nesse tempo no abrigo. É preciso saber que estamos todos em alto mar com o barco afundando, precisamos consertá-lo (não definitivamente, sempre haverá ondas fortes, forçando-o, quebrando-o, teremos que reconstruir sem parar) enquanto ainda estamos nele, não há possibilidade de porto seguro, ou se afoga ou se constrói. Muitas vezes deu vontade de abandonar o barco, mas seguimos na luta...

A defesa aqui é de uma atuação, de uma pesquisa que se faz COM²⁴, que se faz na experiência, e não sobre o outro. Isso demanda um esforço que analisa não só as práticas que estão nos outros, mas a nossa própria. E não é uma análise que se faz separadamente: agora analiso minhas práticas, depois a dos outros e vice e versa, é mais complexo. Pois as práticas não estão contidas, ou têm seus possuidores, elas perpassam a todos e não tratam de individualidades. Como históricas, devem ser problematizadas (TAVARES; GUIDONI; CAPELINI, 2013), por isso os personagens. Eles carregam práticas, discursos. Isso tudo produz e reproduz realidade.

Buscamos produzir pequenas, mas importantes transformações nos estabelecimentos em que passamos, pequenas fissuras nas instituições que já têm seus rostos bem definidos e que nos atravessam com muita força. Mas a diferenciação nos transversaliza e não cessa de nos passar, apontando (como um rizoma) para as bifurcações que são os processos de viver. Como são processos,

²⁴ “[...] pesquisar com o outro implica tomá-lo não como “alvo” de nossas intervenções. Não se trata de tomar o outro como um ser respondente, um sujeito qualquer que responde às intervenções do pesquisador. Ao contrário, [...] o outro pode fazer, isto é, ele anuncia que o outro que interrogamos é um expert, ele pode fazer existir outras coisas” (MORAES, 2010, p.29).

novos e em potencialidades, não é possível que se diga em definitivo como vão se dar, por isso o desafio de encarar o novo e o desafio de encará-lo de dentro²⁵.

Temos interesse na implicação, mas por quê?

Inegavelmente, temos um herança psi, onde as questões sempre estavam situadas no indivíduo, buscando neutralizar questões sociais e políticas. Psi apolítica, que não pode se dar dessa forma, pois, de qualquer modo, os discursos produzem realidade, então esses discursos têm um política, têm um direcionamento e alimentam certas práticas, que de fato abafam questões sociais e de justiça social que se furtam a contar.

Na tentativa de operar fora dessa lógica, que é majoritária e se utiliza de metodologias ditas neutras e rigorosas, se situa a pesquisa-intervenção, que tem por característica o desafio de colocar questões circunstanciais e provisórias, entendendo que os processos estão em constante mudança, e ela é sustentada pelo paradigma ético-estético-político.

Assim, me fiz louca, das duas maneiras que falei. Na dificuldade, na tranquilidade de alguém sobreimplicado²⁶, mas que cedendo aos agenciamentos (irresistíveis) tornei-me outra, pensando e fazendo análises de implicação.

4.5 - Vincular

²⁵ “[...] tentar transformar uma instituição é fazê-lo de dentro dela, analisando os atos cotidianos, seus dispositivos e relações” (ROMAGNOLI, 2014, p. 46)

²⁶ “A sobreimplicação é a crença no sobretrabalho, no ativismo da prática, que pode ter como um de seus efeitos a dificuldade de se processar análises de implicações, visto que todo o campo permanece ocupado por um certo e único objeto” (COIMBRA; NASCIMENTO, 2007, p. 27)

Figura 5 - Colagem de Adriana Peliano sobre ilustração original de John Tenniel



Fonte: Carroll, 2015b, p. 78.

Nesse dia chegamos atrasados, e não estava mais tendo visitas. Não tinha muito barulho. As meninas jogavam uno e não vi nenhuma voluntária nesse dia. Subi a rampa para falar com as outras crianças e a Tartaruga Falsa pulou no meu colo. Depois fomos assistir desenhos juntos, todos estavam na sala, deitados, alguns no colo dos outros, atentos à programação da TV, foi o que fizemos nesse dia.

Depois fui ver os bebês e a educadora estava dando comida para dois ao mesmo tempo, quando dava comida pra um o outro chorava e vice e versa, ela teve que ir administrando. Ela disse da última vez, que ela levava a Maria pra casa dela nos finais de semanas. Perguntamos se isso era permitido por lei e ela disse que não está previsto que isso aconteça, mas ela faz. (Diário de Campo, Dezembro de 2013).

Na conversa com uma educadora perguntamos sobre a questão do apego. Ela disse que passa afeto para as crianças sim, mas que o número de crianças é muito grande (ela cuida das crianças maiores, que são nove). Muitas vezes ela não dá conta da demanda. Disse que conversa com as crianças deixando claro que não é a mãe deles, que posteriormente eles terão uma família onde terá alguém que fará esse papel de mãe. Mas, terminou dizendo que de uma forma ou de outra são elas (as educadoras) que são a referência para as crianças.

Os bebês ficavam em um quarto na maioria do tempo, mas era dia de faxina, então ajudamos a levar os cinco bebês para o outro cômodo [...] A educadora colocou o tatame no chão, levou alguns brinquedos e os bebês ficaram lá. Enquanto estávamos lá, a educadora se deitou na almofada abraçou um dos bebês e cochilou junto dele fazendo-o carinho” (Diário de Campo, dezembro de 2013).

“Era uma mesa grande, mas os três estavam espremidos numa ponta: “Não há lugar! Não há lugar!” gritaram ao ver Alice se aproximando. “Há lugar de sobra!” disse Alice indignada, e sentou-se numa grande poltrona à cabeceira” (CARROLL).

Esses fragmentos de diários falam de vinculação. A hora do chá, entre Alice, o Chapeleiro, a Lebre de Março e o Caxinguelê podem comunicar essas vinculações. Enquanto Alice se aproximava, eles gritavam: não há lugar! Mas havia lugar. Por mais que essas educadoras e técnicas digam: ‘Nós os ensinamos que eles terão uma mãe e que não somos nós’, não mudava o modo como elas se vinculavam a eles como mães. Havia medo de se vincular, dizendo que não havia lugar para esse afeto maternal, mas havia e há lugar, mesmo que se diga que não.

No fim, elas assumiam sem assumir: “Eu acabo por fazer papel de mãe”; “A criança chamou a educadora de mãe e ela avalia que não pode, pois não é a mãe dele” (Diário de Campo, Fevereiro de 2014).

O medo desse papel só revela o quanto ele é insuficiente, no sentido de que ele não consegue capturar todos os sentidos de *maternar*, pois elas não eram mães, mas as crianças sentiam que elas eram mães, então o que é ser mãe afinal de contas? Não dá para cartilhar, o modo como se relacionavam tinha o efeito de fazer com que as crianças considerassem as educadoras as suas mães. Aqui o sentido de mãe não é o mesmo do ideal burguês, que seria o de “propriedade sobre a criança”, mas o do cuidar, o de acolher. Afinal, não é isso que mulheres das classes trabalhadoras fizeram ao longo da história e ainda fazem (as amas de leite, as empregadas domésticas, as babás etc.), cuidar dos filhos de outros, além dos seus próprios, sem com isso reivindicar qualquer propriedade?

Poder se vincular é cuidar, é estar disponível, é acolher os afetos agradáveis e os mais difíceis. É não se render aos moldes estabelecidos, que empobrecem e fazem com que sigamos tópicos que ficam o tempo todo nos restringindo a ação, que tiram nossa potência de afetar e ser afetado.

Nós também nos vinculamos com as crianças e com as técnicas, sentimos e choramos suas dores juntas, conversamos coisas à toa, do cotidiano, combinávamos estratégias conjuntas e muitas vezes falhávamos, como tudo na vida.

A vinculação tem um caráter de doação que não é da ordem religiosa ou capitalística (ainda que tais lógicas possam buscar capturar a ação de vincular-se como doação), é do plano ético, do plano de existir com o outro.

Capítulo 5 - Acontecimento

5.1 - Acontecimentos: 1º entardecer

As inquietações vindas das vivências no campo faziam coro com os incômodos nas aulas da graduação, junto com os encontros do grupo de pesquisa. No RAIJ, estávamos numa série de leituras de Foucault, discutindo sobre biopoder²⁷. Vinham à tona as experimentações das alunas do mestrado no trabalho na assistência social, no juizado... e de repente, o Sorriso sem Gato apareceu!

E como numa represa, a água, fluida que é, represada em volta dos muros, saltou as barreiras, ruiu as muralhas e inundou tudo à sua volta:

Um tapa na mesa na hora do chá (ou do café) ao cair da noite de segunda feira, saiu quebrando todas as louças sem nenhuma culpa: **“Foucault estava certo, o discurso produz realidade! Tá aí, inventaram essa merda de limbo afetivo e agora ele existe, e ponto, é real, temos que lidar com ele.”**

O sentido como *acontecimento*. Deleuze (2015) vai dizer que o sentido está no verbo e não em seu atributo: A árvore não é verde, ela verdeja, desse modo o verdejar que é o sentido. O sentido não habita nas profundezas dos corpos como causa, ou seja, ele não está na lógica dicotômica sujeito-objeto, causa-efeito, mas está na superfície do acontecimento, desse modo, é uma quase-causa. O acontecimento dá o sentido, é o resultado das ações e paixões dos corpos. O sentido como acontecimento difere radicalmente do estado de coisas em que se efetua: como incorporal, não é um ser, mas um extra-ser, qualquer coisa que ocorre

²⁷ Virada no pensamento: Poder não como uma coisa a se possuir, mas o poder como relação, intrínseco a todas as relações. Não uma teoria geral do que é o poder do seu início e fim, mas sim por onde esse poder transita, como ele passa e quais os seus efeitos. O poder como conjunto de mecanismos e procedimentos que tem como papel ou função e tema manter juntamente o poder. A análise das relações de poder pode iniciar algo como uma análise global de uma sociedade, por exemplo com a análise das transformações econômicas. Essas análises têm o papel de mostrar quais os efeitos do saber que se produzem na sociedade através das lutas e combates que acontecem e pelas táticas de poder que são elementos dessa luta. A prática filosófica é saber em quais campos de forças reais tomar como referência para fazer uma análise em termos táticos: o que vou fazer, que caminhos seguir para afirmar ou não certas coisas e combater outras (FOUCAULT, 2008).

para além dos movimentos dos corpos, na sua fronteira. O acontecimento é devir ilimitado, é o demasiado e o insuficiente, o já e o ainda não, é o que nunca acaba de chegar e nunca acaba de sair.

A frase do Sorriso sem Gato foi um acontecimento, porque os corpos ainda estavam do mesmo jeito, não havia mudanças visíveis, mas ao mesmo tempo o estado dos corpos não era mais o mesmo, tudo havia sido mudado, daí vem o sentido. Não é a frase em si, mas a força que nela se move e faz marcar uma virada. O acontecimento muda tudo, mas nada corporal. Uma professora querida exemplificava: É como em casamento, o padre declara que a noiva e o noivo estão casados, passam a ser marido e esposa, mas ainda estão no altar, ainda estão vestidos do mesmo jeito em que entraram na igreja, só que tudo mudou. Ou como em um avião, alguém grita: *Isso é um assalto*, o avião ainda está no ar, ainda está acontecendo uma viagem, mas tudo mudou.

Não é possível prever um acontecimento. Mas existe um conjunto de coisas que ocorrem, um fluxo na superfície para que ele se dê. O sentido, o acontecimento aqui se dá em meio a várias coisas, por isso o acontecimento é quase-causa, pois não é porque se fez uma coisa que outra aconteceu, mas é uma multiplicidade, que não pode ser medida ou capturada. Acontece. Já havia várias discussões acontecendo, campos de pesquisa que vinham à tona com suas problemáticas, autores, conceitos, experimentações, estresses, questionamentos, aberturas, durezas, pontes e quando não: *acontecimento, sentido*.

5.2 Acontecimentos: 2º entardecer

As discussões sobre as instituições e suas produções já vinham passando por mim de modo muito intenso. O modo como o judiciário lidava com a questão da guarda das crianças, sempre criminalizando a família, por não estarem nos moldes previstos, os profissionais reproduzindo esse discurso, e dando razão ao Juiz...

Desolada com uma notícia das crianças do abrigo, envolta a revolta pela situação, encontro novamente o Sorriso sem Gato. Alice me disse que teve alguns

encontros com esse Gato e que esses encontros foram confusos, a (des)governavam no país das maravilhas.

Duas irmãs não voltariam para suas casas e para a tutela do seu pai pois, segundo a juíza que julgava o caso, o pai não tinha condições de cuidar delas, pois ele trabalhava o dia inteiro e não tinha tempo para as crianças, e além disso não tinha uma relação amorosa estável, pois tinha se divorciado da mãe das meninas e agora “só” tinha uma namorada (Diário de Campo, maio de 2014).

O Gato encostou na pilastra que sustentava um telhado curto, que anunciava mais uma vez o cair da noite, parece que ele só aparecia na viração do dia, talvez de propósito, já que o que parecia era querer colocar minha cabeça do avesso. Encostado na pilastra, ouvia meus choramingos: “Que horror, por que eles são tão maus? Por que eles fazem isso? Isso é horrível, que pessoas horríveis!” O Gato sorriu seu sorriso de costume, e soltou uma baforada do seu cigarro (sim, gatos geralmente não fumam, mas esse sim, e parece que sinto esse mesmo cheiro enquanto lembro) e respondeu mudando as minhas perguntas num tom de ironia: “Eles QUEM?” “Maldade?” parece que o sorriso se abriu ainda mais. “Para QUE ou para QUEM fazem isso?” “É pessoal?” “O que isso produz?”

O gato era esperto, não estava interessado em responder minhas perguntas, já que sempre fazia outras e que me punham em estados de loucura, mesmo ele avisando que ali não havia outro caminho a não ser o do enfrentamento. Mas, mesmo me enfrentando, tinha o encantamento dos gatos, que brincam arranhando e deixando suas marcas em nós, que também estão sempre presentes, ainda que nos dando o devido espaço para escolher. Gatos não gostam que fiquem pegando neles, no máximo uma roçada e acabou.

Sabe que é bom ter um gato desses na vida? Pode ser fumante ou não, não importa muito essa parte, importa é que ele e seus arranhões fazem com que você caia em si, ou melhor caia de si e veja como sentir a vida nas suas forças mais intensas, é bem mais bonito do que permanecer intocado. Que as brincadeiras que parecem selvagens (e são), transpõem estados da inércia tediosa. Eu sei que as pessoas gostam mais de cachorros, tudo bem, eles são legais, mas os gatos são os que não te deixam nunca tranquila, pois a brincadeira tem outro tom, e o carinho

também. Alice me contou que com certeza os gatos vêm do país das maravilhas, onde as mordidas são carinhos, as preguiças são exatamente o olhar atento e presente e os miados soam como pedidos ou perguntas perturbadoras.

Como podem perceber, o gato jogava comigo, me virava de ponta cabeça sem dó nessa brincadeira. Ia me arranhando as mãos, os braços, as ideias, me obrigava a pensar a cada mordida, que ia ficando cada vez mais forte.

Os arranhões iam se somando à paisagem, parece que tudo me arranhava, não era possível retornar, e eu tentei muito... Eu quis voltar. A questão de decidir colher margaridas ou permanecer sentada era muito sedutora nesse momento de mordidas e arranhões. Como assim? Tudo passou a ser pontiagudo nesse mundo? Foi aí que percebi que as mordidas e os arranhões não eram o que doía mais, tem dor que é bem pior.

A dor do tédio das respostas rápidas para as perguntas que afligem a diferenciação da vida, por exemplo. O peso da dor de carregar os estereótipos de um mundo inteiro na sua cabeça ou em seu casco, a dor da fome que bate sem trégua, enquanto te mandam buscar ajuda no acolhimento que não acolhe e ainda te culpam. A dor da loucura que recai sobre os ombros de uma criança, a dor da pobreza que é criminalizada, enquanto a verdadeira pobreza está na dificuldade de possibilitar que a vida circule e se produza infinitamente diante da sua multiplicidade...

Não há como voltar atrás. Agora, nem quero. Há dor, causada por existir (resistir) num mundo onde o sentido não tem lógica e a lógica que tem sentido (mesmo não tendo) reforça esse sofrimento por endurecer muros e fronteiras, por não deixar as coisas se encontrarem em seu limiar e produzir novas possibilidades.

Estranho preconceito, contudo, que valoriza cegamente a profundidade em detrimento da superfície e que pretende que superficial significa não de vasta dimensão, mas de pouca profundidade, enquanto que profundo ao contrário significa de grande profundidade e não de fraca superfície. E, entretanto, um sentimento como o amor mede-se bem melhor, ao que me parece, se é que pode ser medido, pela importância de sua superfície do que pelo grau de profundidade... (TOURNIER, apud DELEUZE, 2003, p.12).

Deleuze afirma um novo sentido para a superfície, que comumente é entendida como oposto de profundidade. Esta, por sua vez, superestimada, coopera

na busca incansável pelo que existe por detrás dos momentos, ações, gestos e palavras. No pensamento representacional, a lógica das profundezas se alicerça na busca por verdades ocultas, reproduzindo problemas que nos levam cada vez mais para um buraco sem superfície.

Na superfície, as coisas se dão na lateralidade, sem que seja preciso cavar buracos cada vez mais fundos. Os momentos, as ações, os gestos e as palavras são criações. Acontecem. Não há um decalque para ser reproduzido. Quando Alice diz: "Estou segura de que não são as verdadeiras palavras", ela busca encontrar palavras ideias a serem ditas. Ela cavou um buraco e não encontrou nada lá, pois as verdadeiras palavras eram as que ela disse e estavam na superfície. Na superfície se encontram os sentidos e seus desdobramentos.

Deleuze (2015) fala: "Nada de mais frágil do que a superfície" (p. 85). Mas o que a torna tão frágil? Quais os monstros que assolam a superfície? Podemos pensar, primeiramente, que a abertura de buracos seja o monstro. Mas a superfície se fragiliza por causa da imperceptibilidade de sua ameaça e logo, no susto, temos uma tempestade. Trata-se, então, do caos, da loucura: uma potência de vida ou da sua negação:

Acreditamos ainda estar entre as garotinhas e as crianças: já nos encontramos em uma loucura irresistível. Acreditávamos estar no ponto culminante de pesquisas literárias, na mais alta invenção das linguagens e das palavras; já nos achamos nos debates de uma vida convulsiva, na noite de uma criação patológica concernente aos corpos' (DELEUZE, 2015. p. 85).

É preciso atentar-se para as funções e os abismos muito distintos do não-senso²⁸, atentar-se às heterogeneidades das palavras-valise, que podem ser ditas por uma garotinha, um poeta e um esquizofrênico - *uma menina pode cantar "Pimpanicalho", um artista escrever "fumioso", um esquizofrênico dizer "perspencicaz"* (DELEUZE, 2015, p. 86) - mas que não são as mesmas, ainda que estejamos diante de funções análogas de formarem uma palavra-valise. Deleuze (2015) vai chamar de funções grosseiramente análogas. Os lógicos, para falar de não-senso, podem usar esse exemplo como portador da mesma função, mas é um

²⁸ "Tanto na superfície como na profundidade existe não-senso, mas não é o mesmo. O da superfície tem a 'cintilância' dos acontecimentos puros, entidades que nunca terminam de chegar e nem de retirar-se. Os acontecimentos brilham como uma espada, sem a espada, como o sorriso sem gato" (DELEUZE, 1997, p. 32).

exemplo desencarnado²⁹, fora da experiência e acaba por produzir essas grosserias análogas.

Confundem o problema da criação da palavra-valise pela garotinha, pelo poeta e pelo esquizofrênico, como se fosse possível haver uma trindade entre eles. O problema aqui é da Crítica e da Clínica, nas quais envolve o limiar da desorganização (dos corpos e dos desejos) que possibilite criação, e da linguagem e do não-senso para que tenham uma outra dimensão.

[...] “permita que lhe apresente esta perna de carneiro [...] Alice... Carneiro; Carneiro... Alice.” A perna de carneiro se levantou no prato e fez uma pequena mesura para Alice, que a retribuiu, sem saber se ficava com medo ou achava graça.

“Posso lhes servir uma fatia?” perguntou, pegando a faca e o garfo e olhando de uma Rainha para a outra.

“É claro que não”, respondeu a Rainha Vermelha, peremptória.

“Fere a etiqueta cortar alguém a quem você foi apresentada. Levem o assado!” E os garçons o levaram e trouxeram um grande pudim de passas no lugar.

Figura 6 - Colagem de Adriana Peliano sobre ilustração original de John Tenniel



Fonte: Carroll, 2015a, p. 142.

“Não quero ser apresentada ao pudim, por favor”, Alice se apressou a dizer, “ou não vamos ter nada para jantar. Posso lhes servir um pouco?” Mas a Rainha Vermelha pareceu aborrecida e resmungou:

“Pudim... Alice; Alice... Pudim. Levem o pudim!” e os garçons o levaram tão depressa que Alice não pôde retribuir sua mesura. Seja como for, não entendia por que a Rainha Vermelha devia ser a única a dar ordens, e assim, para fazer um teste, chamou:

“Garçon! Traga o pudim de volta!” e num segundo lá estava ele de novo, como num passe de mágica. Era tão grande que não pôde deixar de se sentir um pouco embaraçada com ele, como havia ficado com o

²⁹ Exemplos laboriosamente construídos são pobres. A experiência é tudo, as coisas se dão no campo da experimentação, exemplos desencarnados, isso sim é falta de lógica. Os exemplos ditos lógicos são uma miséria: por exemplo responder: O que um psicólogo faz? Caso houvesse uma resposta, ela seria miserável. Importante lembrar que a insuficiência do lógico não nos autoriza a fazer o mesmo que ele.

carneiro. Contudo, venceu seu embaraço e, com grande esforço, cortou uma fatia e a serviu à Rainha Vermelha (CARROLL, 2015a, p. 142).

“Que impertinência!” disse o Pudim. “Será que gostaria se eu cortasse uma fatia de você, sua criatura?” Falava com uma voz grossa, untuosa, e Alice não teve o que dizer em resposta. Só conseguiu ficar imóvel e olhar para ele boquiaberta.

“Faça um comentário!” disse a Rainha Vermelha. “É absurdo deixar toda a conversa nas mãos do pudim!”

Nessa série, comer-falar³⁰, de Carroll, há na superfície uma linha na qual se elabora o sentido, na articulação com a diferença. Esse sentido imaterial é resultado das causas corporais (suas misturas, ações e paixões), mas esse resultado é diferente das causas corporais, pois, na superfície, o sentido, como efeito, é uma quase-causa. Quase-causa que é incorporal, expressa nas palavras esotéricas e nas palavras-valise que distribuem o sentido para ambos os lados simultaneamente (por isso é preciso tomar cuidado com a heterogeneidade). Essa é a organização da superfície que se opera na obra de Carroll (o espelho – que se articula distribuindo sentindo pelas duas séries refletindo uma na outra).

Deleuze (2015) diz que Artaud desenvolve séries opostas: viver e existir, agir e pensar, matéria e alma... e ele tem a impressão de se assemelhar a Carroll em suas séries e chega a dizer que foi copiado no livro de Alice, mas em sua carta descontente sobre a obra de Carroll, Artaud diz: "Não gosto de poemas ou das linguagens de superfície e que respiram ócios felizes e êxitos do intelecto, mesmo que este se apoie no ânus, mas sem que se empenhe nisso a alma ou o coração" (p. 87). Artaud considera Carroll alguém que se restringiu à "linguagem de superfície e não sentiu o verdadeiro problema de uma linguagem em profundidade". Então a questão que emerge é: "Por que Artaud acrescenta que não tem nada a ver com Carroll? Por que a extraordinária familiaridade é também uma radical e definitiva estranheza?".

Pois as séries de Carroll se organizam na superfície. Alice está na superfície. Para Artaud, assim como para os esquizofrênicos, não existe mais superfície. A

³⁰ “Em suas obsessões alimentares, Alice é atravessada por pesadelos que se referem a absorver, ser absorvido. Ela constata que os poemas que ouve falam de peixes comestíveis. E se falarmos de alimento, como evitar fazê-lo diante daquele que deve servir de alimento? Assim, temos as gafes de Alice diante do camundongo. Como evitar comer o pudim ao qual se foi apresentada?” (DELEUZE, 2015, p.25)

superfície está arrebatada, como uma “pele perfurada por uma infinidade de pequenos buracos”. A consequência é que tudo é corpo (não é mais imaterial), e isso engole todas as coisas em profundidade. Não havendo mais superfície, a palavra perde o sentido, perde a “capacidade de exprimir um efeito incorporal distinto das ações e das paixões do corpo”.

Então, Deleuze traça uma crítica à psicanálise que não compreende os jogos de força, reduz o esquizofrênico a significantes da própria teoria.

Uma psicanálise má tem duas maneiras de se enganar, ou por acreditar descobrir matérias idênticas que forçosamente se encontram em toda parte, ou formas análogas que fazem falsas diferenças. É ao mesmo tempo que se deixa assim escapar o aspecto clínico psiquiátrico e o aspecto crítico literário (DELEUZE, 2015, p. 95).

Desse modo, há duas falhas: uma que rebate a clínica sobre a literatura, e o poema vira um caso patológico, e o outro é o contrário, rebate-se a literatura na clínica e Alice vira um conto esquizofrênico. Assim, deixa-se escapar o próprio sentido desses dois planos. E ambos os mundos, as profundezas de Artaud e a superfície de Alice em Carroll não se encontram, pois são diferentes.

O que se faz importante é que o *nonsense* do esquizofrênico e da menina são diferentes, o esquizofrênico retorna as profundezas através dos diversos furos, a menina não, ela habita em "um plano imanente aos corpos, à vida, e à linguagem, à superfície, ao sentido" (ALLIEZ, 2000, p. 76) Plano que é denominado plano do pensar, que Deleuze (2015) chamará de “superfície metafísica” ou “campo transcendental”.

Capítulo 6 – Outros Diários

Aqui aparecerão algumas personagens novas. Primeiro a Rainha, que é uma personagem que acumula para si todos os discursos de poder. Dorme e acorda pensando no poder, se move de tristeza e dor. É muito antipática e vive sugando as energias alheias.

Aparece a Rosa, flor que não aceita ter sua cor mudada. E a Margarida, que passou muito tempo com Alice, vocês vão conhecê-las.

6.1 Encontrar e Florescer em terra estranha

Figura 7 - Colagem de Adriana Peliano sobre ilustração original de John Tenniel



Fonte: Carroll, 2015b, p. 19.

Hoje foi nosso primeiro dia no CRAS, fomos a uma reunião de equipe para nos apresentar para as trabalhadoras, dizer do nosso trabalho na extensão, que estávamos ali para aprender com todas elas, que não gostaríamos de estabelecer uma relação distante de um observador, mas que estávamos disponíveis para a inserção junto com elas nas demandas e questões que surgissem no cotidiano do trabalho.

Nossa entrada nesse campo se deu a partir de uma equipe de um outro CRAS, equipe que manifestou o desejo de ter um contato mais próximo com a academia para pensar questões que vão surgindo no cotidiano do trabalho. Uma equipe muito disponível e que tecia uma conexão muito interessante (entres os próprios trabalhadores, os usuários e os recursos que tinham) dentro do serviço socioassistencial. Levamos essa demanda até a Secretaria de Assistência Social de Cariacica e gostaram muito da proposta de extensão feita pela equipe do CRAS juntamente com o nosso grupo de pesquisa. Os gestores propuseram que entrássemos em mais dois outros CRAS. Um deles era o de PN, o grupo foi dividido em três para que fôssemos nos três CRAS sugeridos.

A Rainha, comandava a reunião, e nos deu um breve momento de fala, para que o nosso grupo se apresentasse; nos deu a fala, mas, mesmo assim percebemos que estava receosa quanto ao que tínhamos que falar. Falamos. Alguns olhares atentos, mas a maioria nem tanto. As perguntas que a Rainha dirigiu a nós, não foram um convite de boas-vindas, eram receosas, cautelares e totalmente preventivas. Percebemos que nossa chegada não foi comemorada, que ela só nos recebeu por uma ordem da gestão, e que nossa disponibilidade deveria ser ainda maior, ou o receio da vinculação seria constante. Rapidamente no final da nossa fala, ela se levantou e começou a distribuir tarefas, e a reunião se encerrou. (Diário de Campo, Outubro de 2015)

“Por favor, poderia me dizer...” começou olhando timidamente para a Rainha vermelha.

“Fale quando lhe falarem!” a Rainha atalhou-a rispidamente.

“Mas se todo mundo obedecesse essa regra,” disse Alice, sempre pronta para uma pequena discussão, “e se você só falasse quando lhe falassem, e a outra pessoa sempre esperasse você começar, veja, ninguém nunca diria nada [...]” (CARROLL, 2015a, p. 129-131).

O modo como fomos recebidos já foi um alerta em relação às estratégias que poderíamos usar naquele espaço. O grupo do outro CRAS nos convidou para compor junto com eles, estavam abertos e receptivos, já o CRAS para o qual fomos enviados pela gestão tinha outra configuração. Claro que o que é mais comum dentro dos serviços socioassistenciais não é os estagiários ou extensionistas serem

recebidos com flores e tapetes vermelhos, e nem queríamos isso. Tínhamos vontade de compor junto com eles naquele espaço, ainda não sabíamos como, mas percebemos uma resistência grande por parte da Rainha. Ainda assim, insistimos, pois o serviço não era só ela, havia muitos outros trabalhadores, e precisávamos conhecer qual era o histórico daquele CRAS e como as relações estavam se dando para poder analisar melhor.

Conversando, um dia, com uma trabalhadora, ela disse que aquele CRAS tinha passado por um sequência, fora do comum, de mudanças de coordenação, e isso atrapalhou muito o trabalho de todos e também o atendimento e acompanhamento dos usuários. Logo que cheguei, já consegui conversar muito com essa trabalhadora, acabei por ficar muito próxima a ela no trabalho.

Desde o começo tenho acompanhado Rosa em seu trabalho, ela tem me ensinado várias coisas sobre o CRAS, pois eu conhecia muito mais a alta complexidade do que a atenção básica. Atendemos a uma senhora juntas hoje, na verdade era só para fazer o cadastro dessa senhora no CRAS, mas ela contou toda a sua situação para nós duas, e ficamos conversando por muito tempo. Percebi a escassez de recursos dos serviços. Um serviço que é porta de entrada para que os usuários recebam benefícios, mas que não consegue garantir a maioria deles. A Senhora estava na seguinte situação: Ela foi caseira em um sítio durante toda a sua vida, mas sofreu uma queda e está com a mobilidade muito reduzida, até por conta de sua idade. O empregador a mandou embora e ele não assinava sua carteira, na verdade, ela nem tem carteira de trabalho. Ela quase não tem rede de apoio para ampará-la, está morando de favor (mas com tempo contado) na casa de uma conhecida. Agora está sem condições de trabalhar e como foi uma queda séria, é provável que não possa trabalhar como antes. Havia uma série de trâmites legais, para serem feitos a longo prazo mas, por exemplo, um cesta básica que ela necessitava no momento, o CRAS estava sem receber para repassar para ela, isso já estava acontecendo a meses. (Diário de Campo, Novembro de 2015)

Fui aflita para a orientação no RAIJ, com muitas questões, e à medida que ia falando, parecia que novos elementos iam surgindo, pois eu estava muito colada com o sentimento de pena (novamente). Mas falando, percebemos, juntas, com as Coelhas e o Gato (sim, ele apareceu), que o trabalho de cadastrar, que a psicóloga fazia, era de fato muito técnico, mas começamos a analisar outras coisas... o que se passou nessa conversa, era apenas técnico? E percebemos que tinha muito mais do que técnica.

A Rosa era uma das trabalhadoras que não preenchia o cadastro inteiro, por achar que era desnecessário. Havia perguntas do tipo: Qual o material do piso da sua casa? Ela pulava muitas perguntas, não sei se era uma estratégia pensada, mas fazendo isso ela tinha mais tempo de conversar com o usuário. O cadastro do CRAS era feito para que depois de um mês o usuário pudesse marcar atendimento individual com alguma das trabalhadoras; ou participar de alguma oficina/grupo oferecido no CRAS; ou para fazer seu cadastro único (outro cadastro, muito maior, muito mais minucioso, que levava mais ou menos uma hora e eram feitas por técnicas específicas desse cadastro, tinha a finalidade de liberar o benefício do Bolsa-Família). Percebemos que no momento do cadastro as pessoas faziam perguntas que não tinham coragem para fazer lá fora³¹, quando estavam em grupo. Às vezes vinham com pedidos simples que as trabalhadoras podiam já resolver. Por exemplo, uma pessoa mudou de território, não sabia como chegar na Unidade Básica de Saúde desse novo território, a trabalhadora explicava.

Naquele caso da senhora caseira sem carteira de trabalho, a Rosa não resolveu os problemas dela, mas não era só essa a questão. Rosa deixou o tecnicismo de lado, olhou nos olhos daquela mulher, segurou sua mão e ouviu o que ela tinha para dizer até o final.

Em nenhum processo anterior por que aquela mulher passou, teve quem a escutasse (ela mesma reclamou disso enquanto falava), nem o ex-patrão, nem o filho, que já estava distante há muito anos, nem a pessoa que fez o “acolhimento” lá fora. Uma escuta afetiva promoveu o acolhimento.

Há modos de fazer, pequenas astúcias, ainda que pareça que tudo é em vão. Esse pensamento só reduz nossa potência. É importante lembrar que há potência nos modos de fazer, dependendo de como são feitos podem promover acolhimento ou podem silenciar pessoas.

³¹ Antes dos usuários entrarem para realizar o cadastro no CRAS eles passavam por uma reunião em grupo denominada “Acolhimento”, que basicamente servia para explicar sobre os direitos aos benefícios e apresentar quais eram eles.

6.2 - A Rosa

Figura 8 - Colagem de Adriana Peliano sobre ilustração original de John Tenniel



Fonte: Carroll, 2015b, p. 92.

Quando cheguei ao CRAS, cumprimentei a maioria das pessoas que estavam terminando de almoçar na copa, circulei pelo espaço e não encontrei a Rosa. Ela era a pessoa referência para mim, que tinha aberto espaço para que eu conhecesse e acompanhasse o que ela fazia no serviços, conversávamos muito sobre o que ia acontecendo na rotina de trabalho. Quando finalmente cansei de procurar, perguntei

a outra trabalhadora onde ela estava. Ela respondeu: “Rosa, não trabalha mais nesse CRAS”, respondeu baixo e de forma rápida saiu, como se eu não pudesse perguntar o que tinha acontecido.

Havia três dias da última vez que eu tinha ido ao CRAS, nesse dia conversei com Rosa, e não tínhamos qualquer ideia de que em apenas três dias ela não trabalharia mais lá. Fiquei um tempo tentando entender o que estava acontecendo, não sei o que fiz direito depois dessa notícia. Minha primeira reação foi procurá-la nas redes sociais e perguntar o que havia acontecido.

Eis a história:

Uma grande roseira crescia junto à entrada do jardim; suas flores eram brancas, mas [...] jardineiros estavam a sua volta pintando-as de vermelho. P. 89

Rosas cresciam e faziam brilhar a vista a boniteza de suas pétalas brancas.

“Poderiam me dizer”, perguntou Alice, um pouco tímida, “por que estão pintando essas rosas?” [...]

“Ora, o fato, senhorita, é que aqui deveria ter sido plantada uma roseira com rosas vermelhas, e plantamos uma de rosas brancas por engano; se a Rainha descobrir, todos nós teremos nossas cabeças cortadas. Assim senhorita, nos viramos como podemos, antes que ela chegue...”³²

A Rosa branca achou um disparate ter que se dobrar a essa ordem tão sem cabimento, mas durante essa conversa a Rainha foi se aproximando e por fim a Rosa disse: “Não podem também aprender a gostar de rosas brancas? Não precisa serem todas vermelhas, é até um desperdício ter tantas cores e não usá-las”.

“Entendo!” disse a Rainha, que nesse meio tempo estivera analisando as rosas. “Cortem-lhes as cabeças!”³³

Todos foram cortados, até as rosas.

³² CARROLL, 2015b, p. 90

³³ CARROLL, 2015b, p. 93

6.3 - Um susto, é possível florescer em solo duro.

Figura 9 - Colagem de Adriana Peliano sobre ilustração original de John Tenniel



Fonte: Carroll, 2015b, p. 30-31.

Não tínhamos mais a Rosa. Senti-me só.

Fiquei quase trinta minutos esperando a Rainha aparecer para me dizer qual serviço eu poderia acompanhar. Desde a partida de Rosa parece que não tenho lugar. (Diário de Campo, Novembro de 2015)

A necessidade de disponibilidade é fundamental para a vinculação, para que se crie confiança e seja possível a feitura de trabalhos que possibilitem o enfrentamento das dificuldades e complexidades que surjam no cotidiano. Era estar disponível como uma criança, que sem condicionamentos, pode experimentar.

Sem condicionamentos também me joguei, e acatei muitas ordens da Rainha de Copas nesse momento, não sabia exatamente como as coisas funcionavam. Rosa, tinha me ensinado algumas coisas, mas mesmo assim, deixei as coisas virem. Temos a prepotência, muitas vezes, de chegar ao campo achando que temos mais condições de realizar o trabalho, e de fato temos. Muitos condicionamentos: O que é bom, o que é ruim, o que eu acho que não deva ser feito, ou o que deve ser feito, como conduzir, como operar. Mas o que acontece é que é no processo que se faz e que não se faz, que se avalia. Inclusive, parece que a avaliação a respeito das linhas que foram tecidas ou não, só podem ser vistas depois, a cartografia é feita no processo, mas o mapa se dá depois que já se passou. A beleza está nisso, em criar em processo, ver a obra e saber que ela não responde ao que vem depois, ela evidencia as linhas e traços que foram necessários para chegar ali, e dá consistência e passagem para novas obras virem.

Sem minha parceira, me sujeitei às ordens da Rainha. O que ela me colocava para fazer, eu fazia. Eu tapei vários buracos (como a profundidade), pois ela me colocava em funções em sua maioria técnicas, talvez como um estratégia, para paralisar meus questionamentos e perguntas. Até que um dia...

[...] topou com um grande canteiro, orlado de margaridas, e um salgueiro crescendo no meio.

"Oh Lírio-tigre!" chamou Alice, dirigindo-se a um que ondulava graciosamente ao vento, "gostaria que pudesse falar!"

"Pois podemos", falou o Lírio-tigre "quando há alguém com que valha a pena conversar" (CARROLL, 2015⁴, p. 30).

Eu não havia reparado muito nesse canteiro antes. Pensei, depois de ter perdido Rosa, que não havia como brotar outras flores naquele solo árido. Mas estavam ali, na minha frente.

Entrei nessa sala, e parecia que lá dentro era um mundo à parte. A Rainha nem ia até lá (apesar dos seus mandos e desmandos afetarem diretamente todos do jardim).

Cheguei e fui direto para o SCFV, a Rainha quis que eu ficasse na recepção do CRAS, ajudando a secretária, eu recusei e disse que ficaria ali mesmo, tínhamos uma atividade que eu considerava importante participar. (Diário de Campo, Novembro de 2015)

O Lírio-tigre me apresentou as outras flores do canteiro, fizemos muitas coisas juntas. Produzimos bonecas, caixas, costuramos tecidos, enfeitamos adereços festivos (quem diria que flores conseguiriam fazer tantas coisas, não é mesmo?). Gostávamos muito de ler histórias, e inventávamos muita coisa para fazer. Brincávamos de fantoche, xadrez, e dedobol. Cantávamos às quintas, e gingávamos capoeira às quartas. Assistíamos a filmes e conversávamos demais, até brigamos, muitas vezes. É difícil flores diferentes terem a mesma opinião.

Um dia convidei uma árvore chamada Acácia-de-tronco-vermelho³⁴ para conversar conosco sobre uma questão muito importante que estava em pauta. Era sobre as cores³⁵ das flores, conversamos sobre isso em muito encontros, mas nesse, especificamente, conversamos muito sobre aceitar nossas cores naturais, havia uma infinidade de cores e todas eram bonitas e formavam juntas um jardim diverso e interessante. Nenhuma merecia destaque, todas as cores eram

³⁴ Acácia-de-tronco-vermelho foi a árvore escolhida para falar dessa pessoa, pois é uma planta nativa da África, mas especificamente de Moçambique, país onde ele nasceu.

³⁵ O assunto era Negritude, nesse dia giramos o assunto em torno da questão da beleza negra e da auto aceitação.

importantes e não deveríamos deixar ninguém pintar nossas pétalas e folhas de uma cor que apague a nossa.

Eu estava descendo as escadas para ir embora, mas a Rainha me chamou de volta. Perguntou quem havia permitido que eu trouxesse uma árvore para o canteiro do CRAS. Expliquei o porquê de trazê-la para o jardim. Ela ficou ainda mais brava e disse que eu não devo trazer quem eu quiser para o CRAS, e se caso eu tivesse essa ideia novamente deveria passar por ela antes, pois ela tinha que saber de tudo. (Diário de campo, Novembro de 2015)

Em um outro dia que cheguei ao CRAS, fui conversar com o Lírio-tigre sobre o que a Rainha havia me dito.

"Ponha a mão na terra e sinta", [...]

Alice obedeceu. "É muito dura", observou, "mas não sei o que uma coisa tem haver com a outra."

"Na maioria dos jardins", explicou o Lírio-tigre, "fazem os canteiros fofos demais... por isso as flores estão sempre dormindo."

Parecia uma excelente razão, e Alice gostou muito de ouvi-la. "Nunca tinha pensado nisso antes". (CARROLL, 2015^a, p. 32)

Ali o solo era muito duro, as flores deveriam e precisavam (era uma questão de sobrevivência) permanecer acordadas. Precisavam cuidar uma da outra para não morrerem, pois o solo era duro e ainda havia a ameaça da rainha de pintá-las ou de cortar suas cabeças. Mas, ainda assim, flores brotam no chão duro!

Uma flor nasceu na rua!
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.
 Uma flor ainda desbotada
 ilude a polícia, rompe o asfalto.
 Façam completo silêncio, paralitem os negócios,
 garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.
 Suas pétalas não se abrem.
 Seu nome não está nos livros.
 É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde
 e lentamente passo a mão nessa forma insegura.
 Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.
 Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.
 É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

(Andrade, 2003)

6.4 A Rainha tenta dar o lance final

Figura 10 - Colagem de Adriana Peliano sobre ilustração original de John Tenniel



Fonte: Carroll, 2015b, p. 97.

Segunda feira, dia de acolhimento. Sentei e prestei atenção no que a Rainha falava (ela estava conduzindo). Ela falou sobre os benefícios oferecidos pelo CRAS durante muito tempo, e eu não consegui acompanhar tudo. Além disso havia

muitos gritos, pois a maioria das pessoas que passavam pelo acolhimento eram mulheres e estavam com seus filhos pequenos, brincando ao mesmo tempo em que a Rainha falava. As pessoas tinham vergonha de perguntar, porque após a fala muito extensa da Rainha houve a abertura de um momento de perguntas, mas ela fez essa abertura já fechando pois tinha uma expressão pouco convidativa, cansada e irritada com o barulho. A primeira pergunta demorou para ser feita, mas não houve silêncio, as crianças ocupavam nossos ouvidos sem muita preocupação em nos incomodar com os sons das suas brincadeiras.

Ela tentou fazer uma intervenção, mas sem muito sucesso.

Nesse novo ano precisei sentar para falar com a Rainha novamente. A conversa foi diferente da que tivemos no ano anterior, ela estava aceitando melhor a minha presença ali. Mas ainda assim, quis ter todo o controle da situação e não deixou de afirmar em todas as suas falas quem na verdade mandava ali. (Diário de Campo, Março de 2016)

No começo desse mesmo ano, pareceu-me que minha cabeça estava menos ameaçada de ser cortada, acho que a Rainha já havia se acostumado comigo, ou eu tinha mais aliados agora do que quando havia acabado de chegar. Estava mais difícil cortarem minha cabeça, eu já havia me dado conta das medidas extremas da Rainha, eu vi ela cortar cabeças, me juntei aos astutos para sobreviver no solo endurecido. Precisei ter certos manejos para fortificar e não estragar as estratégias dos meus aliados e não acabar vendo mais cabeças rolarem. Percebi como fazer tudo o que ela mandava despotencializava qualquer tentativa de feitura coletiva. Ela queria mandar em todo mundo, exatamente para que ficássemos mais alheios às suas mazelas. Não cumpria mais nenhuma ordem da Rainha sem antes analisá-la muito bem.

Depois do grupo de mulheres desci para falar com a Rainha. [...] uma das coisas que ela pontuou foi que uma das margaridas precisava de um acompanhamento laboratorial, que ela precisava se separar das outras, e que se eu e outra Coelha pudéssemos fazer isso seria de grande ajuda para todos. Eu disse que ia conversar com a trabalhadora de referência do serviço de SCFV antes de fazer qualquer coisa.

Nesse momento senti que pelo menos duas coisas se passavam ali, a primeira era o reforço da imagem do psicólogo como aquele que adentra pessoas, para que elas se comportem de uma determinada forma. No caso da margarida, para que ela fosse uma flor mais comportada e desse menos dor de cabeça para todos do serviço. E a segunda foi que: Como a Rainha percebeu que nossa presença ali (das coelhas) não seria breve e nos ignorar não era mais uma opção (como ela tentava fazer até o momento), tentou dar uma função na qual ela mais uma vez pudesse controlar. (Diário de campo, maio de 2016)

Pensar que a Rainha estava diferente, ou que havia mudado o tom da conversa, não a fazia menos opressora, na verdade ela usava de estratégias para manter seu poder. Mas nós também tínhamos construído as nossas. A estratégia de não recusar o pedido dela na hora foi importante. Aquele discurso de que nós seríamos de grande ajuda podia facilmente ter nos capturado, como capturou em outros momentos. Além de excluir a Margarida da vivência com as outras flores (vivência esta que era realmente um desafio, mas não havia justificativa para se esquivar dele, já que o serviço era voltado à vinculação – criança, trabalhadoras, família - por mais estranha, difícil e complexa que ele se apresentasse) ela estava nos excluindo da vivência, dos grupos, das trabalhadoras, pois ela queria que ficássemos numa sala só com ela, dizendo o que havia de tão errado naquela flor e qual intervenção era necessária para que ela fosse “curada”.

Na conversa com uma trabalhadora, ela disse que era importante que não caíssemos de paraquedas no serviço, mas que procurássemos conhecê-lo, não só na prática, mas que também estudássemos as diretrizes, no que elas implicavam, qual era a situação atual. Acho que foi uma pontuação bem pertinente, pois mesmo entendendo que os direcionamentos dados na lei e nas diretrizes podem ser bem diferentes na vivência prática, conhecer a lei é uma estratégia de luta necessária no cotidiano.

Outra trabalhadora conversou conosco acerca do serviço (SCFV), que ele não se restringe apenas ao momento da reunião do grupo, mas que há implicação com a família e suas diversas demandas, também tem a ver com explorar o território porque é necessário fazer as visitas, se comunicar com a escola, com a unidade básica de saúde...

Conversamos sobre nossas limitações de horário, porque éramos extensionistas e nossas visitas estavam limitadas a duas vezes na semana, então estaríamos disponíveis naqueles dias, o que fosse possível fazer dentro daquele tempo, estaríamos dispostos a fazer, se tivesse alguma demanda a mais ou algum motivo específico, poderíamos nos revezar ou trocar de horário.

Mas a grande questão que estava colocada era a falta da educadora fixa (aquela que fica todos os dias em todos os horários em que o serviço é oferecido) para o SCFV, pois a última havia pedido conta e não cumpriu o aviso prévio, então a saída dela se deu muito rápido, o que tinha era educadores que circulavam pelos SCFV de Cariacica e iam ao CRAS uma vez por semana. O Serviço ocorria de segunda a quinta, com grupos pela manhã e à tarde. Tinha um educador de jogos na segunda, uma educadora de capoeira na quarta e um educador de música na quinta, na terça não havia nenhum educador.

Conversamos com essa trabalhadora sobre a ideia da Rainha de nos colocar em isolamento com a Margarida, e que não gostaríamos que as coisas fossem conduzidas dessa maneira. Ela disse que não temos que prestar nenhum serviço que o CRAS não oferece, que mesmo que a Margarida precisasse de um acompanhamento psicológico, ela deveria ser conduzida a isso como uma demanda, mas que a equipe de saúde do território seria responsável por isso, e que a nossa presença ali não era uma forma de tapar buraco, nem da equipe de saúde e nem do CRAS.

Como estava sem educador fixo, nos revezamos nas atividades junto às flores. Numa conversa com um educador, ele disse “Nós que somos da AS, parece que temos que provar a todo o tempo que a assistência precisa existir, a saúde não tem que provar isso, a educação não tem que provar isso, mas nós temos.” (Diário de Campo, maio de 2016)

O modo como a Rainha de Copas gosta de resolver tudo, degolando pessoas, se faz presente de maneira marcante na AS. Um serviço voltado a população, que é a quem dela necessita.

“A rainha só tinha uma maneira de resolver todas as dificuldades, grandes ou pequenas: “Cortem-lhe a cabeça!”
(CARROLL, 2010b, p. 105)

Está no imaginário popular, no senso comum, que esse serviço é uma pedra de tropeço, que as pessoas que recebem benefícios estão vivendo muito bem e só querem “sugar” do governo. Fazem chacota com os programas de transferência de renda, e acham que quem é beneficiário está esbanjando enquanto recebe mais dinheiro do governo:

É importante olharmos para a lei e suas condicionalidades acerca do programa de transferência de renda:

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica criado, no âmbito da Presidência da República, o Programa Bolsa Família, destinado às ações de transferência de renda com condicionalidades.

Art. 2º Constituem benefícios financeiros do Programa, observado o disposto em regulamento:

I - o benefício básico, destinado a unidades familiares que se encontrem em situação de extrema pobreza;

II - o benefício variável, destinado a unidades familiares que se encontrem em situação de pobreza e extrema pobreza e que tenham em sua composição gestantes, nutrizes, crianças entre 0 (zero) e 12 (doze) anos ou adolescentes até 15 (quinze) anos, sendo pago até o limite de 5 (cinco) benefícios por família;

III - o benefício variável, vinculado ao adolescente, destinado a unidades familiares que se encontrem em situação de pobreza ou extrema pobreza e

que tenham em sua composição adolescentes com idade entre 16 (dezesesseis) e 17 (dezesete) anos, sendo pago até o limite de 2 (dois) benefícios por família.

§ 2º O valor do benefício básico será de R\$ 58,00 (cinquenta e oito reais) por mês, concedido a famílias com renda familiar mensal per capita de até R\$ 60,00 (sessenta reais).

§ 3º Serão concedidos a famílias com renda familiar mensal per capita de até R\$ 120,00 (cento e vinte reais), dependendo de sua composição:

I - o benefício variável no valor de R\$ 18,00 (dezoito reais); e

II - o benefício variável, vinculado ao adolescente, no valor de R\$ 30,00 (trinta reais) (BRASIL, 2004).

Vejam bem, há muitos mitos acerca do programa de transferência de renda, mas lendo a lei já podemos ter uma ideia do que ele não é. Ele não é para pessoas que querem viver às custas do governo. Primeiro que é muito difícil viver com 70 reais *per capita*. Dando um exemplo rápido: nas opções de almoço que eu tinha fora da universidade (UFES) durante a graduação, eu não pagaria menos de R\$15,00 o almoço, com essa renda, eu não poderia comer nem cinco refeições no mês, ou seja, eu teria que comer 5 vezes no mês e ficar com fome nos outros 25 ou 26 dias. Isso porque estou falando apenas de alimentação, não tem moradia, não tem vestimenta, não tem mobilidade urbana, não tem nada além de alimentação.

Esse é um programa voltado a pessoas que estão em situação de extrema pobreza. No último censo do IBGE em 2018, a linha da pobreza atingiu 55 milhões de brasileiros em 2017.

No Brasil, em relação à medida de US\$ 5,50 PPC diários, 26,5% da população, ou quase 55 milhões de pessoas, viviam com rendimento inferior a esta linha em 2017 (cerca de R\$ 406,00 mensais), diante de 25,7% da população em 2016. A maior parte dessas pessoas (mais de 25 milhões) estava na Região Nordeste, enquanto na Região Centro-Oeste havia menos de 3 milhões de pessoas. (IBGE, 2018, p. 57).

O programa de transferência de renda não atinge todo esse número da população que tem uma renda inferior a 406 reais por mês, pois nem todos desse grupo se encaixam no corte de pobreza extrema.

Esses são dados estatísticos, mas mostram de forma macro como uma parte considerável de nossa população ganha para viver, ou melhor, para sobreviver. Tratar os programas de transferência de renda como algo a não ser considerado é negligenciar toda uma população que sofre com nosso modelo econômico, e é posta e exposta a diversas situações de vida, que dizer, de morte. É, principalmente, alimentar e fazer coro com o discurso da Rainha, pois cabeças rolam, pessoas

morrem. Morrem de não poder viver, de não poder existir. Morrem de fome, morrem por não serem acolhidas, morrem porque são pobres, e pobre não escolhe, pobre não tem liberdade, porque ser pobre neste país não é só uma condição que (não) estamos trabalhando para mudar, ser pobre é crime.

O fio da faca que esquarteja, ou o tiro certo nos olhos, possui alguns aliados, agentes sem rostos que preparam o solo para esses sinistros atos. Sem cara ou personalidade, podem ser encontrados em diversos discursos, textos, falas, modos de viver, modos de pensar que circulam entre famílias, jornalistas, prefeitos, artistas, padres, psicanalistas, etc. Destituídos de aparente crueldade, tais aliados amolam a faca e enfraquecem a vítima, reduzindo-a a pobre coitado, cúmplice do ato, carente de cuidado, fraco e estranho a nós, estranho a uma condição humana plenamente viva (BAPTISTA, 1999, p. 46).

Há o clamor por mais saúde, mais educação, mas a AS, ao contrário, precisa a todo tempo provar que ela precisa existir. Claro que é preciso questionar por qual saúde e qual educação estamos pedindo, talvez uma saúde cada vez mais medicalizante e anestesiadora e uma educação cada vez mais repetitiva e acrítica? Receio que sim. São questões necessárias a se pensar, mas vou me ater à assistência social, por que ela precisa provar a todo o tempo que precisa existir?

Suspeito que a AS esteja junto com as questões da mão esquerda, questões essas que não estão encobertas, mas que se colocam no plano da superfície. Assim como a invenção é rejeitada, mas se afirma enquanto primeira e necessária, a AS também, pois é uma política pública (que não está dada, mas foi construída), que por mais que seja colocada em uma linha dura, pode operar mudanças micropolíticas através dos agenciamentos com seus trabalhadores, usuários e territórios. Não é só um programa de transferência de renda, mas o é também.

Na parte da tarde acompanhei o atendimento com a mãe da Margarida e com a Margarida. A psicóloga falou sobre o comportamento dela no serviço e pactuou algumas coisas com a própria Margarida. A psicóloga disse que o serviço de convivência não era algo isolado, que a família era fundamental nesse processo, e que precisávamos estar todos juntos para que as coisas funcionassem, a mãe pediu desculpas por não poder vir antes e justificou dizendo que era difícil o trabalho liberá-la, pois trabalha como porteira, então o horário de expediente dela é o mesmo do CRAS, ficando difícil seu comparecimento.

A mãe havia recebido um encaminhamento de atendimento psicológico em uma unidade de saúde, mas essa estava muito distante do local onde moravam, então parou de levar. A Margarida foi diagnosticado com TDAH, e a mãe disse: Ela tomava o remédio para ficar quietinha, mas agora parou.

A Rainha atrapalhou diversas vezes o atendimento. Ela não batia, só entrava e falava o que tinha que falar. Trazia demandas que ela poderia aguardar até o final do atendimento com a família para passar para a Psicóloga. Em uma das vezes ela tentou desacreditar a psi na frente de todos, pois duvidou do que ela tinha respondido.

Ao final do atendimento depois que a família foi embora, a psi desabafou: “Eu tenho um general como chefe, não uma gestora que me auxilia! Ela estava entrando aqui toda hora porque antes ela me pressionou a expulsá-la (a Margarida) do serviço de convivência (como medida de punição pelo modo como ela estava se comportando), mas eu disse que não.” E abriu a pauta e apontava para o nome das crianças enquanto dizia: “Isso aqui são vidas e não números! O objetivo do serviço é esse? Excluí-la? Aí a turma do SCFV fica boa? É isso?” (Diário de campo, Junho de 2016)

A Rainha não tinha a menor noção de como se cuidar de flores. Isso dava para perceber logo. Onde já se viu colocar uma flor em isolamento e achar que isso resolve o problema? Caso as flores estejam com algum problema, não é bom tratá-las dessa forma tão rude. Na verdade, a Rainha não tinha muito tino para trabalhar com nenhum ser vivo naquele lugar.

As flores precisam de sol, que molhem suas raízes e talvez precisem até de umas borrifadas de água em suas pétalas. Um isolamento vai deixá-la pior, como é horrível para uma flor ficar sem conversar com outras! Sabemos que as margaridas³⁶ não são nada fáceis, e que quando se juntam, falam até demais, causam muita algazarra mas, acredite, você ficaria deprimido só de vê-las sozinhas. É algo terrível, só alguém que não entende de flores pode falar tal coisa.

A psicóloga chamou a educadora do SCFV para fora da sala, parecia que algo de ‘errado’ estava acontecendo lá. Nesse momento íamos começar as atividades do dia, então ela saiu da sala por um tempo, atendendo ao pedido da psicóloga, e eu fiquei junto às flores enquanto isso. Quando ela voltou, continuamos a atividade. Nesse tempo, bateram na porta, quando abrimos não havia ninguém. Bateu novamente, mas dessa vez, logo em seguida, alguém abriu. Olhos passaram por toda a sala e depois nos olharam fechando a porta rapidamente. Era Alice. Então me levantei e disse que ia convidá-la a entrar e ficar conosco, pois havia tempo não a via. A educadora me chamou em um canto e disse que ela não podia entrar por ordens da Psicóloga (por isso ela tinha chamado a educadora no momento anterior), pois ela faltou muitas vezes e mesmo insistindo muito, a psicóloga não conseguia fazer contato com a família. Mesmo assim, saí da sala ao seu encontro. Alice estava sentada na escada do CRAS brincando com uns potinhos que ela tinha

³⁶ “As margaridas são as piores. Quando uma fala, começam todas ao mesmo tempo, fazendo um alarido que deixam qualquer um murcho.” (CARROLL, 2015, p. 32)

trazido. Me sentei junto a ela e começamos a conversar, um outro educador passou logo em seguida dizendo: Alice, desculpe o tio por não te deixar entrar? Você precisa trazer sua mãe aqui, para conversar e acertar isso, você fala com ela pra ela vir? Alice consentiu com a cabeça, mas não deu muita importância. Então, me pediu para que jogássemos dedobol, um jogo que ela sempre joga quando está no CRAS, quase todas as flores amavam esse jogo. Eu fui até a sala e pedi o jogo, mas não liberaram, pois ela estava vetada de participar do SCFV, então consequentemente ela não podia ter acesso ao jogo. Eu voltei e expliquei pra ela que não poderíamos jogar naquele dia. Perguntei sobre sua mãe e onde ela estava. Alice respondeu que ela estava no trabalho e que por não querer ficar sozinha em casa ela tinha ido ao CRAS.

Abriu dois dos potinhos, disse que sua avó havia lhe dado, não tinha podido almoçar, mas com aqueles potinhos cheios de pozinho colorido ela dizia: “Não comi, mas ainda bem que tenho esses potinhos”, passava os dedos dentro e lambia o pó colorido. Depois de perceber que não poderia mesmo entrar, pegamos uma sacola e guardamos os potes, nos despedimos, e ela foi embora. Depois desse dia, ela não voltou mais ao CRAS” (Diário de Campo, Agosto de 2016).

Pensei que a Rainha tinha vencido. Me senti totalmente derrotada...

Como ela pode cortar tantas cabeças? Como podemos perder tantas batalhas?

Não é possível!!!

Cansaço. Dor. Tristeza. Ódio. Raiva. Revolta. Vontade de ir lá e cortar a cabeça dela!!!

Mas lembrei que nessa trajetória eu não andei sozinha. Fiz vínculos, só não desisti muitas vezes porque vi que ainda tinham as Coelhas;

E os Lírios;

E a Rosa;

E as Acácias;

E o Chapeleiro;

E a Lebre de Março;

E a Tartaruga Falsa;

E o Gato;

Dei-me conta que eu tinha tanta gente. E a Rainha, o que ela tinha? Só vontade de nos enfraquecer. Quando me vi sozinha, desabei.

Quando me vi muitas, me levantei.

Não andei só, cortaram cabeças, mas não sucumbiremos à dor e ao desespero. Lutaremos para que as flores possam expressar sua beleza e sua

invenção, para que brilhem suas cores mesmo nesse banho de sangue. Ainda que estejam manchadas, murchas e feias, não desistiremos. Não desistiremos. Não desistiremos.

Vi Alice de novo.

6.5 - *Ver Alice*

Figura 11 - Colagem de Adriana Peliano sobre ilustração original de John Tenniel



Fonte: Carroll, 2015b, p. 51.

Hoje no caminho até o ponto de ônibus, depois que saí do CRAS, encontrei Alice no caminho, ela ia bem devagar, ao mesmo tempo que ia rápido. Não sei bem explicar, mas ela explorava a rua, de modo que andava pouco linearmente, mas atravessava a rua várias vezes, retornava do caminho, mexia num galho no chão, num monte de terra na calçada, subia os degraus, as grades, como se escalasse uma montanha, e pulava deles como se voasse. Ela brincava com a rua e tudo que achava interessante, sem se preocupar com o destino final, fiquei confusa pra que lado realmente era sua casa. Ela me fez perguntas, mas parecia não se preocupar com as minhas respostas. Eu vi aquela pessoa, tão pequenininha, andando sozinha e logo pensei em acompanhá-la, pois eu era a adulta e poderia lhe dar suporte. No final da caminhada, bem depois, no ônibus, e agora escrevendo, me dei conta de que eu é que fui acompanhada, me dei conta do que havia na calçada, de como as casas eram grudadas e havia ruas que se bifurcaram timidamente, que havia mais lojas do que eu podia me lembrar, que talvez a subida ficasse menos cansativa mudando várias vezes de calçada, mesmo que isso a tornasse mais longa. Dei-me conta de que Alice me olhava atenta com uma expressão que deixava transparecer que ela sabia exatamente o que estava fazendo e eu não. Que as perguntas que ela fez eram muito mais para me despertar a vontade de saber do que a resposta delas. Eu não acompanhei aquela criança de sete anos e meio, ela que me acompanhou e muito melhor do que poderia fazer por ela.

Ela fez ecoar perguntas durante o processo, foi lenta, foi rápida, cresceu e diminuiu, nunca dava para adivinhar o que viria a ser. Dei-me conta de que me acompanhou, até aqui, que me cuidou até aqui, me moveu até aqui. No fim, não sei pra que lado era sua casa, mas não importa, já aprendi que toparei com gente louca de qualquer modo. Obrigada Alice, por fazer isso (com)igo.

Processo de formação

Deleuze (2015) faz uma análise acerca da obra de Lewis Carroll, pontuando que em seu primeiro livro (Alice no País das Maravilhas), é possível perceber a busca, ainda, por um segredo a ser desvendado, algo que esteja oculto, coisas das profundezas, buracos, tocas etc. Mas, depois Carroll vai emergindo na superfície, e dá lugar a movimentações lateralizadas, que deslizam nessa superfície. Sua literatura toma outro rumo.

Dá lugar para muitas outras coisas emergirem, pois o lado de lá não é nada mais que o sentido inverso, então é preciso seguir deslizando. Assim está sendo esse processo de formação, uma descoberta que tudo se dá na fronteira. Minhas análises não precisam de mergulhar fundo, precisam falar das superfícies em que eu tocava, com o que eu me agenciava.

Quando as questões são fabricadas (DELEUZE; PARNET, 1998), permitem que tomemos as rédeas dos nossos processos formativos. A feitura desse processo nunca será individual, sempre teremos que compor com algo para conhecer, para tornarmo-nos mais potentes, fazer nossas próprias perguntas... ah isso é muito mais interessante! E a infância sabe muito bem disso.

E sobre as conclusões... bem:

“Eu acreditava entrar no porto, mas... fui jogado em pleno mar”
(DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 30, apud LEIBNIZ, p. 12)

Um mar de agenciamentos, não há como concluir.

Mas posso me despedir.

Despedida

É chegado o momento de me despedir dos diários. Despedir-me do diários infantis, com capa da Pucca e da Minnie, e também daquele diário-caderno de dez matérias, tão surrado das minhas inúmeras tentativas de escrita. Precisam ver as últimas páginas, tantos rascunhos que foram até parar no meio e se encontraram com a última anotação de uma disciplina. Palavras soltas, até tentei formar uma palavra-valise: Infância, Duração, Alice. Podia ter ficado Indulice, Infalção ou talvez Alifação. Mas não me importa agora, nenhuma delas me agradou mesmo.

Na página do encontro entre o rascunho e as anotações de disciplinas diz: “Desafios do institucionalista: Desmontar dicotomias sujeito-objeto, teoria-prática, opondo-se às fronteiras rígidas na definição de disciplinas de seus métodos e objetos de pesquisa”.

Não sei se cumpri o desafio de um institucionalista, importa menos agora, pois vocês, pequenos, foram péssimos objetos de pesquisa e muito melhores fazedores de perguntas e contadores de histórias. Vocês não se encaixariam nunca em um objeto de pesquisa, tenho certeza.

É hora de dar adeus, despedir-me de um momento, de uns momentos. Da menina que pulou no meu colo e perguntou se por um acaso eu não podia levá-la comigo para minha casa. Eu levo criança. Levo nesse texto, na minha história, nas marcas bem marcadas que vocês fizeram em mim. Na duração infinita desses encontros. Mas me despeço, do mesmo modo que vocês fizeram comigo. Construimos algo grande, fui cuidada e desafiada por vocês, o cuidado ensina também a hora de ir. Vocês se despediam: com um abraço, talvez até com uma lágrima das saudades, mas logo, bem logo, nós voltávamos a brincar, a inventar, a sonhar. Nós somos habitados pela infância, não queremos saber de amanhã, nós queremos brincar, inventar e então... brincaremos, sonharemos....

Quem você pensa que sonhou?
A deslizar sereno sob o céu
Luminoso, o barco deriva na
Idílica tarde de verão, ao léu...

Crianças ali perto aninhadas,
Espertas, ouvidos atentos, esperam

Pela história que lhes será contada...

Lá no alto o céu há muito empalideceu,
Ecos declinam, lembranças perecem,
A friagem do outono, o verão varreu.

Senão que, espectral, ela segue a me obsedar,
Alice percorre estranhas terras
Nunca vistas por quem não sabe sonhar.

Crianças que queiram esta história ouvir,
Espertas, ouvidos curiosos e
Lúcidos, devem pertinho se reunir.

Imaginário País das Maravilhas percorrem,
Devaneando enquanto os dias passam,
Devaneando enquanto os verões morrem.

Encantadas, pela corrente se deixam levar...
Lentamente sucumbindo ao fascínio da
Lenda... Que mais é viver senão sonhar?³⁷

³⁷ CARROLL, 2015a, p. 154-155.

Referências

ALICE in wonderland. Direção: Tim Burton. Produção: Richard Darryl Zanuck et al. Estados Unidos da América: Walt Disney Pictures, 2010.

ALLIEZ, Eric. (Org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo: Ed. 34, 2000.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. 27 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

ARAÚJO, André Vinícius Nascimento. Reversão do platonismo como possibilidade de abertura para uma linhagem imanentista de pensamento em Gilles Deleuze. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**. v. 8, n. 02, p. 86-104, 2015.

BAPTISTA, Luis Antonio. A atriz, o padre e a psicanalista - os amoladores de faca. *In*: BAPTISTA, Luis Antonio. **A cidade dos sábios**. São Paulo: Summus, 1999. p. 45-49.

BAREMBLITT, Gregório. **Compêndio de Análise Institucional e outras correntes: teoria e prática**. 5ª ed. Belo Horizonte, MG, Instituto Félix Guattari, 2002.

BARROS, Manoel de. **O Livro Sobre Nada**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BERGSON. Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Editora Martins e Fontes, 1999.

BRASIL. **Estatuto da Criança e Adolescente**. Lei 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, 1990.

BRASIL. **Lei n. 10.836, de 9 de janeiro de 2004**. Cria o programa bolsa família e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 12 jan. 2004. Seção 1, pt. 1. Disponível em:
<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2004/Lei/L10.836.htm> Acesso em 25 mar. 2019.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Conselho Nacional da Assistência Social. Resolução nº 109, de 11 de novembro de 2009.

Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais. Brasília: MDS, 2009.

Disponível em:

<http://www.mds.gov.br/webarquivos/legislacao/assistencia_social/resolucoes/2009/Resolucao%20CNAS%20no%20109-%20de%2011%20de%20novembro%20de%202009.pdf>. Acesso em 22 nov. 2017.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Especial de Direitos Humanos. **Plano nacional de promoção, proteção e defesa do direito de crianças e adolescentes à convivência familiar e comunitária**. Brasília, 2006.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Secretaria Nacional de Assistência Social. **Política Nacional de Assistência Social - PNAS; Norma Operacional Básica NOB/SUAS**. Brasília, 2004.

BRASIL. Presidência da República. **Lei Orgânica da Assistência Social, n. 8.742, de 7 de setembro de 1993**. Dispõe sobre a organização da assistência social e dá outras providências. Publicada no DOU de 8 de dezembro de 1993. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L8742.htm> Acesso em 25 mar. 2019.

CARDOSO JR., Hélio Rebello. Acontecimento e história: Pensamento de Deleuze e problemas das ciências humanas. **Trans/Form/Ação**, Marília - SP, v. 28, n. 2, p. 105-116, 2005.

CARROLL, Lewis. Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá. *In*: CARROLL, Lewis. **Alice**: edição comemorativa – 150 anos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015a.

CARROLL, Lewis. Aventuras de Alice no País das Maravilhas. *In*: CARROLL, Lewis. **Alice**: edição comemorativa – 150 anos. Rio de Janeiro: Zahar, 2015b.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças; NASCIMENTO, Maria Lívia do. Sobreimplicação: práticas de esvaziamento político? *In*: ARANTES, Esther Maria de Magalhães; NASCIMENTO, Maria Lívia; FONSECA, Tânia Mara Galli (Orgs.), **Práticas psi**: inventando a vida. Niterói: EdUFF, 2007. p. 27-38.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa**: Filosofia Prática. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **O abecedário de Gilles Deleuze**: Transcrição integral do vídeo, para fins puramente didáticos. Escola nômade, 2010.

DESPRET, Vinciane. The body we care for: figures of anthropo-zoo-genesis. **Body and Society**. v. 10, n. 2-3, p. 111-134, 2004.

DONZELOT, Jacques. **A polícia das famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1987.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e José Augusto Guilhon Albuquerque. 13ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Resumo dos cursos do Collège de France**: 1970-1982. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 20ª edição. Petrópolis. Vozes. 2002

GONZALES, Zuleika Köhler; BAUM, Carlos. Desdobrando a teoria ator-rede: reagregando o social no trabalho de Bruno. **Polis e psique**. Rio Grande do Sul, v. 3, n.01, 2013.

HILLMAN, James. **Suicídio e alma**. Editora Vozes, Petrópolis, 1993.

IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101629.pdf>> Acesso em 25 mar. 2019.

KASTRUP, Virgínia; BARROS, Laura Pozzana. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (orgs.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009.

KRAMER, Sonia. Infância, memória e saber: considerações à luz da obra de Walter Benjamin. **Letra freudiana**. v. 23. Rio de Janeiro: Revinter, 1999.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador/Bauru-SP: ed. UFBA/Edusc, 2012.

LOURAU, René. Uma técnica de análise das implicações: B. Malinowski, Diário de etnógrafo. In: ALTOÉ, Sônia. (Org.). **René Lourau**: Analista Institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004, p. 259-283.

MONZANI, Luiz Henrique. Deleuze e Lewis Carroll: aproximações entre filosofia e literatura. **Kínesis**. v. 2, n. 06, p. 123-136, dez. 2011

MORAES, M. Pesquisar COM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M. e KASTRUP, V. Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.

PEREIRA, Conceição. Nonsense em português. In: AREIAS, Laura; PINHEIRO, Luís da Cunha (orgs.). **De Lisboa para o mundo**: ensaios sobre o humor luso-hispânico. Lisboa: CLEPUL, 2013. p. 129-14.

PLATÃO. **A república**. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 2001.

ROLNIK, Suely. À sombra da cidadania: alteridade, homem da ética e reinvenção da democracia. *In*: Magalhães, Maria Cristina Rios (org.). **Na sombra da cidade**. São Paulo: Escuta, 1995. p. 141-170.

ROLNIK, Suely. Pensamento, corpo e devir: uma perspectiva ético/estética/política no trabalho acadêmico. *In*: **Cadernos de Subjetividade**. São Paulo: PUC/SP, set./fev. 1993.

ROMAGNOLI, Roberta Carvalho. O conceito de implicação e a pesquisa-intervenção institucionalista. **Psicol. Soc.** [online]. v. 26, n. 1, p. 44-52, 2014.

TAVARES, Gilead Marchesi; GUIDONI, João Paulo; CAPELINI, Thalita Calmon. As práticas que compõem a educação integral em Vitória (ES): Uma análise da relação infância/pobreza/risco. *In*: CRUZ, Lílian Rodrigues da; RODRIGUES, Luciana; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima. **Interlocuções entre a Psicologia e a Política Nacional de Assistência Social**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2013. p. 43-58.

VARELA, Francisco. O reencantamento do concreto. *In*: PELBART, Peter Pal; COSTA, Rogério da. (Org.). **Cadernos de subjetividade: o reencantamento do concreto**. São Paulo: Hucitec, 2003. p. 71-86.